



Família

um projeto de Deus



DEPARTAMENTOS DE JOVENS DAS
UNIÕES NORTE E SUL BRASILEIRAS



INSCRIÇÃO E PROVA ONLINE EM
TODO O BRASIL: www.enar.org.br



EXAME NACIONAL REFORMISTA

OBJETIVOS:

- 1) DESTACAR A IMPORTÂNCIA DE CONHECER NOSSA DOUTRINA**
- 2) INSTRUIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TEMPO EM QUE VIVEMOS E NOSSO PAPEL DIANTE DE DEUS**
- 3) CONFIRMAR NOSSA IDENTIDADE COMO FAMÍLIA SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS**

Maratona ENAR:

O que é?

A maratona é o desafio de todos os jovens estudarem a apostila completa antes do dia da prova.

Onde?

Pode-se organizar grupos de estudos através de plataformas online como o “zoom” ou outros aplicativos, na casa de um jovem, na igreja ou outro lugar, conforme a liderança achar melhor.

Quando estudar?

A sugestão é que cada final de semana tenha uma aula intensiva de um estudo da apostila. Que seja sexta à noite, sábado à tarde ou domingo antes do culto, conforme a realidade de cada igreja.

Quem?

Membros e interessados devem participar; inclusive, deve ser feito um esforço coletivo para que todos os jovens estejam envolvidos

Como?

De uma forma espiritual, dinâmica e bem objetiva. O pastor, obreiro, dirigente da igreja ou o departamental de jovens exporá o assunto em grupos organizados no “zoom” ou outros aplicativos virtuais.

A apostila de estudo estará disponível para download após a inscrição no site: www.enar.org.br.

13 de dezembro de 2020: Que venha a prova! (Prova Online)

ÍNDICE

1. O projeto de Deus para a família	04
2. Perigos que rondam a família	09
3. Felizes para sempre?	13
4. Um marido segundo o coração de Deus	20
5. Uma mulher segundo o coração de Deus	23
6. Educar filhos para a glória de Deus	27
7. Um filho segundo o coração de Deus	31
8. A diferença que o pai faz	34
9. A diferença que a mãe faz	38
10. Corações feridos	42

EXPEDIENTE:

Editor: Oziel Fernandes

Produção textual: Alexandre de Araújo,
Dorval Fagundes e pr. Josias Almeida

Revisão teológica: Pr. Marcelo de Araújo Silva

Revisão e preparação textual: Dorval Fagundes

Projeto gráfico: Danilo Rodrigues da Conceição

1



O projeto de Deus para a família

A família faz parte do projeto divino para tornar as pessoas felizes e realizadas

Na maioria das vezes, as civilizações desmoronam de dentro para fora. A degradação da estrutura social, política e econômica acontece quando a família tradicional entra em decadência. A condição de um país reflete a situação de suas famílias. Esse conceito é defendido por Joseph Daniel Unwin (1895-1936), antropólogo social inglês. Em sua magna obra, *Sex and Culture* (1934), ele estudou 80 tribos primitivas e seis civilizações conhecidas ao longo de milênios até descobrir um padrão social. Ele percebeu que havia uma relação positiva entre as conquistas culturais de um povo e a restrição sexual que praticam.

Para o prof. Unwin, quanto mais um povo prospera economicamente, mais ele se torna liberal em relação à moralidade. Com o tempo, a sociedade começa a se deteriorar, perde o vigor econômico e o propósito. O efeito é irreversível.

Quando observamos a corrosão da estrutura familiar atual podemos nos questionar sobre a exatidão dos estudos desse pesquisador. A sociedade ocidental está em perigo. Qual seria a solução para essa crise generalizada? A Bíblia, a Palavra de Deus, nos apresenta o projeto divino para a família. A força da estrutura familiar é proporcional à forma como ela se alinha com o projeto divino.

Baseado nas pesquisas do prof. Unwin, o pesquisador Carl Wilson concentrou seu foco de estudo nas civilizações grega e romana. Em sua *Our Dance Has Turned to Death* [Nossa dança se transformou em morte], ele estabeleceu um roteiro que descreve a decadência dessas civilizações, o qual poderia servir de reflexão para a sociedade ocidental de hoje. O princípio do fim ocorre quando a sociedade começa a questionar a autoridade espiritual masculina no lar e a família começa a adotar uma visão humanista. Com a prosperidade econômica, o pai, ocupado com o aumento das responsabilidades, negligencia o papel de sacerdote da família. Ganhar mais e ter mais conforto torna-se mais importante do que o desenvolvimento moral e espiritual dos filhos. Deus se torna uma realidade distante. As pessoas não deixam de crer nEle, mas vivem como se Ele não existisse.

Em um segundo momento, o chefe da família começa a negligenciá-la para buscar riquezas, poder e erudição. Principia-se um processo de egocentrismo, em que o pai passa a se preocupar mais com o próprio prazer e bem-estar do que com os da família. Ele negligencia o dever de dar afeto aos familiares e começa a achar que a sua parte é só garantir o conforto da família.

Desapegados das próprias famílias, os homens se dedicam a negócios ou à guerra. Eles negligenciam a intimidade com a esposa e se envolvem com outras mulheres ou se aventuram em relacio-

namentos homossexuais. A sociedade começa a viver um duplo padrão moral —um para as relações familiares e outro para as relações sociais.

Abandonadas pelo marido, as mulheres começam a questionar o próprio papel como dona de casa e mãe. Emocionalmente fragilizadas e abandonadas, elas se revoltam. Em busca de sucesso e reconhecimento profissional, começam a fazer as mesmas coisas que veem os maridos fazendo. Buscam sexo fora do casamento. A sociedade passa a ver o sexo separado do amor, e a busca do prazer se torna um fim em si mesma. Pela pressão da nova moralidade, as leis são alteradas para facilitar o divórcio.

A mudança nas relações dentro da família começa a afetar as crianças. Com pais ausentes, que acreditam que os bens materiais podem substituir o afeto, os filhos perdem a referência de autoridade e começam a se rebelar. Os pais passam a competir por dinheiro, destaque profissional e posição social, além de disputar o afeto dos filhos. O número de divórcios e novos casamentos aumenta. Surgem novas estruturas familiares além da família nuclear (a tradicional, formada por pai, mãe e filhos). Os filhos passam a ser catalogados como “os meus”, “os seus” e “os nossos”. “Os meus” são aqueles que vêm do meu casamento anterior; “os seus” são os que o cônjuge traz do casamento anterior dele, e “os nossos” são as crianças que nascem da nova família. Assim, passam a existir irmãos biológicos, irmãos de consideração e os meios-irmãos.

Começam a surgir famílias com diversas configurações. Isso impacta o sentimento de segurança das crianças e elas se revoltam, ficam entediadas e frustradas. A homossexualidade é aceita socialmente, e, em muitos casos, substitui os relacionamentos familiares tradicionais.

Neste ponto, a quebra da unidade familiar é seguida pela desestruturação da sociedade. O aborto é aceito como método contraceptivo. Filhos são indesejados, abandonados, molestados e indisciplinados. A taxa de natalidade cai, pois existe uma pressão social para não se ter filhos. Começa a anarquia social.

Agora, o individualismo egoísta cresce, fragmentando a sociedade em pequenos grupos. Surgem as tribos urbanas, ligadas por algum interesse em comum. Os conflitos internos entre esses grupos enfraquecem a nação. Com a baixa taxa de natalidade e o baixo desenvolvimento econômico, a sociedade envelhece. Ela se torna mais vulnerável a inimigos.

A nação perde a esperança à medida que a autoridade paterna se dilui. Os princípios éticos não existem mais. A economia entra em colapso. Enquanto a família nuclear predominava, a poupança e o investimento em processos produtivos aumentavam, mas com a sua desestruturação as pessoas se tornam pródigas (gastam mais) e a economia entra em crise. Agora surgem dois caminhos: ou a nação aceita um ditador que prometa resolver os problemas nacionais, ou é invadida por outros povos. Um ciclo civilizatório se fecha.

Não é preciso ser um sociólogo para perceber que esse processo descreve a realidade da atual sociedade ocidental. Na Europa, esse processo está criando uma sociedade pós-cristã por um lado e islamizada por outro. Com o crescimento de imigrantes das antigas colônias europeias, igrejas estão se tornando museus ou sendo destruídas para a construção de mesquitas. Se a sociedade ocidental quiser sobreviver ao século 21, deve retornar ao projeto divino para a família.¹

O projeto de Deus

Satanás, o inimigo de nossa alma, sabe que se destruir o projeto divino para a família, poderá destruir a sociedade e neutralizar a influência da igreja. Sabemos disso porque o primeiro ataque à humanidade foi para desestruturar os relacionamentos, tanto no sentido vertical quanto no horizontal. Na direção vertical, afetou nosso relacionamento com Deus; no horizontal, com nosso próximo.

Uma das formas de eliminar o padrão bíblico para a família é diminuir a distinção da identidade sexual originalmente projetada por Deus. A mídia, apoiada pelo movimento feminista moderno, tem criado um discurso unificado a favor da igualdade entre homem e mulher. As mulheres são estimuladas a fazer trabalhos que são tradicionalmente masculinos. Em um mundo ainda dominado por homens, as mulheres sofrem pressão ideológica para agir como agem. Muitas perdem a noção de feminilidade apenas para atender a essa agenda.

Para evitar esse erro é preciso recorrer às Escrituras para definir a masculinidade e a feminilidade segundo o padrão divino. Qualquer estudo sobre a relação homem-mulher no Antigo Testamento (AT) deve começar com o relato da Criação. A criação do ser humano é narrada duas vezes: nos capítulos 1 e 2 de Gênesis. Perce-

be-se que Moisés tem um objetivo diferente para cada relato. No primeiro, ele foca no fato de que o ser humano, homem e mulher, são o auge da criação, uma vez que foram criados à imagem e semelhança de Deus. Assim, nessa condição, foram postos como governantes do planeta. Já no segundo relato, há outro objetivo — definir a relação que deve existir entre eles.

Gênesis 1

Os dois primeiros capítulos de Gênesis revelam a unidade do casal humano segundo a vontade de Deus. Homem e mulher são criados juntos e formados à imagem de Deus. Ambos devem governar sobre a criação.

No capítulo 1, o autor faz uma clara distinção entre o ser humano e o resto da criação. O vers. 26 diz que ele foi criado a partir de uma decisão de Deus: “Façamos o homem”. Também foi criado com uma capacidade especial de se relacionar com Deus: “À nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Recebeu uma função específica: “Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a Terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão.” O versículo seguinte resume tudo nestas palavras: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”

Mary Evans comenta:

“Assim, Gênesis 1 nos conta que a diferença entre os sexos existiu desde o começo, inerente na ideia do Homem; a criação da humanidade como macho e fêmea fez parte integrante da decisão de Deus ao fazer o Homem. Duas conclusões complementares podem ser extraídas disso: primeiro, ‘a ideia do homem [...] não encontra seu significado pleno apenas no macho, mas no homem e na mulher.’ E, segundo, que a personalidade humana deve ser expressa na forma masculina ou na forma feminina. ‘Não existe um ser humano à parte do homem ou da mulher.’”²

Apesar da diferenciação de gênero narrada em Gênesis 1, tanto o homem quanto a mulher são postos em condição de igualdade. Ninguém é superior a ninguém. Ambos são criados à imagem e semelhança de Deus, e a ambos foi dada autoridade de governar a Terra. Evans comenta que “não podemos encontrar aqui nenhuma indicação de subordinação de um sexo ao outro.”³

Sobre essa igualdade, Ellen G. White comenta:

“Ao criar Eva, Deus pretendia que ela não fosse inferior ou superior ao homem, mas em todas as coisas lhe fosse igual. O santo par não devia ter nenhum interesse independente um do outro; e não obstante cada um possuía individualidade de pensamento e de ação.”⁴

Alguns comentaristas afirmam que quando Deus disse: “Façamos o homem” (Gênesis 1:26), Ele estava recorrendo a um artifício linguístico conhecido como “plural de majestade”. Nesse caso, o rei fala na primeira pessoa do plural (“nós”). O papa costuma usar esse recurso quando se expressa com autoridade de cargo (ex catedra), pois acredita que ele e o Espírito Santo falam juntos. Só que esse recurso era desconhecido no tempo de Moisés. O faraó fala a José na primeira pessoa: “Eu sou o faraó” (Gênesis 41:44) e não “nós somos o faraó”. Por que Deus usou o verbo na primeira pessoa do plural, então? Isso revela que dentro da divindade há uma unidade composta. Ela revela a triunidade de Deus, ou seja, três pessoas iguais que formam uma unidade. Esse deveria ser um modelo para o ser humano. Homem e mulher são pessoas iguais, mas com personalidades distintas.⁵

A humanidade deveria povoar o planeta, como foi ordenado aos demais seres vivos da Terra, mas também governar sobre a criação. Uma leitura superficial pode dar a entender que o ser humano recebeu autorização para “saquear” a natureza, justificando a exploração e o desastre ecológico que vivemos hoje. A intenção divina não era essa. Deus delegou à humanidade a Sua própria autoridade real sobre a criação. Como ser criado à Sua imagem, a humanidade deveria cuidar da Terra da mesma forma como Deus faz. Se agirmos como tiranos sobre a criação, negaremos e destruiremos a imagem de Deus em nós. Observe como o salmista descreve o modo de Deus governar a natureza: “O Senhor é misericordioso e compassivo, paciente e transbordante de amor. O Senhor é bom para todos; a Sua compaixão alcança todas as Suas criaturas” (Salmo 145:8 e 9). É dessa forma que Ele espera que a humanidade também trate a natureza.

O ideal de Deus é que homem e mulher conquistem o mundo. Por isso, nada há de errado na mulher que sonha ser uma grande executiva, médica, empresária, ou seguir qualquer outra carreira. Ela foi feita à imagem de Deus, tal como o homem, mas há uma distinção entre os dois, que deve ser observada.

Gênesis 2

Se no capítulo 1 temos a revelação de que homens e mulheres são iguais em autoridade, no capítulo 2 encontramos o papel que cada gênero exerce dentro dessa relação. Em Gênesis 2, Deus estabelece que o homem deve exercer a liderança dentro da relação familiar. Veja como Ele estabeleceu esse princípio:

“Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a trouxe a ele. Disse então o homem: ‘Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.’ Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:21-24).

Ellen White comenta sobre o fato de a mulher ter sido tirada da costela de Adão:

“Eva foi criada de uma costela tirada do lado de Adão, significando que não o deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob os pés como se fosse inferior, mas estar a seu lado como sua igual, e ser amada e protegida por ele.”⁶

O capítulo 2 sugere a liderança do homem. Deus não chamou a raça humana de “mulher”, mas de “homem”. Apesar de iguais, o texto bíblico tem o cuidado de demonstrar que cada um deles exerce uma função diferente na relação familiar. Deus fez o homem como cabeça, e a mulher como auxiliadora. O homem tem a responsabilidade de liderar a relação rumo à glória de Deus. Ele é chamado para conduzir com o auxílio e aconselhamento da mulher (1 Coríntios 11:3).

No começo, Deus pediu a Adão que desse nome a cada animal. Através dessa atividade, aprendeu que nenhuma criatura compartilhava da mesma natureza dele. Assim, percebe que está sozinho. Em Gênesis 2:18, Deus faz uma promessa: “[...] far-lhe-ei uma ajudadora, que lhe seja idônea.” Beverly LaHaye comenta que “o termo hebraico ezer, traduzido por ‘ajudadora’, significa ‘um auxiliar, ajuda, suporte’. Essa mulher deveria ser ‘idônea para ele’ no sentido de que apenas ela, de todas as criaturas, compartilhava da natureza de Adão.”⁷

Ela continua: “Ele [Adão] deve ter ficado maravilhado com a sua beleza e se impressionado quando percebe que essa nova criatura era semelhante a ele. Tal criatura verdadeiramente vinha

ao encontro de sua necessidade de companhia. Ela atendia a seu desejo mais profundo.”⁸

A ênfase do capítulo todo é que o homem só está completo quando encontra uma mulher para ser a sua companheira. Quando Adão se encontra com Eva, trata-a como alguém igual a ele, identifica-se com ela e não a vê como alguém diferente ou inferior. A mulher foi criada da costela de Adão, por meio de um ato direto de Deus. Seu primeiro contato foi com o Criador. A mulher conheceu a Deus antes de conhecer ao parceiro, o homem. Eva deve a sua vida à Divindade, não a Adão.

É preciso resgatar o sentido bíblico de auxiliador, ajudador. Das 19 vezes que a palavra em hebraico foi usada no AT, uma está em uma pergunta, e três estão relacionadas com o homem (Isaías 30:5; Ezequiel 12:14; Deuteronômio 11:34). Nas 15 vezes restantes, foi aplicada em relação a Deus socorrer o Seu povo em momentos de crise (Êxodo 18:4; Salmo 121:2 etc.). Em nenhum contexto essa palavra tem o sentido de subordinação servil. O texto bíblico afirma que a mulher deveria ser uma auxiliadora idônea, digna (Gênesis 2:20).

Quando Deus criou uma ajudadora para o homem, não procurou torná-la um ser totalmente igual ao homem, mas até certo ponto diferente. Se ela fosse exatamente igual a ele, sua solidão não seria eliminada porque não haveria complementação, mas um mero olhar no espelho para ver a própria imagem. O homem reconheceria no outro ser apenas a própria pessoa. Por outro lado, se a mulher fosse totalmente diferente, um ser de outra ordem, a solidão também não seria eliminada. O homem seria confrontado pelo outro, mas isso não geraria identidade ou empatia. Seria um encontro semelhante ao que ocorre entre a humanidade e a natureza. Essa companheira não compartilharia da mesma esfera de existência. Para que seja algo bom, o homem precisa de um ser semelhante a ele e ao mesmo tempo diferente, de tal modo que nele reconheça não só a própria pessoa, mas algo além. Precisa ver nesse outro ser um “você” tão certamente quanto ele é um “Eu”; do mesmo modo, o homem é para o outro ser um “você” tão certamente quanto este é um “Eu”.⁹

Small conclui que ao formar o primeiro casal, Deus criou o homem com um vazio do tamanho de uma mulher. É um vazio que nenhum dos animais, nem mesmo outro homem, poderia preencher.¹⁰

Os capítulos 1 ou 2 de Gênesis não indicam que a mulher tem a imagem de Deus em si de uma forma diferente da que ocorre com o homem. Para o texto bíblico, a Humanidade é composta por duas partes — homem e mulher. A plenitude da existência só pode ser vivida quando homem e mulher cooperarem um com o outro.¹¹

O texto que estamos analisando explica o motivo que leva o homem e a mulher a se casarem e formar uma família: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24). A instituição do casamento não é o resultado da tradição, mas é o projeto soberano de Deus.

Anotações para estudo:

Referências

- 1 LAHAYE, Beverly. A família cristã no século XXI, Apud in *Os fundamentos para o século XXI*, p. 569-571.

2 EVANS, Mary. *A mulher na Bíblia*. São Paulo: ABU, 1986, p. 6.

3 EVANS, Op. Cit., p. 7.

4 Testemunhos seletos, vol. 1, p. 412.

5 BROWN, Colin. (Ed.) em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 3, p. 217.

6 LAHAYE, B. Op. Cit., p. 574.

7 Patriarcas e profetas, p. 46.

8 LAHAYE, B. Op. Cit.

9 VON ALLMEN, J. J. (Ed.) *Vocabulário bíblico*. São Paulo: ASTE, 1972, p. 263 (artigo Mulher).

10 BROWN, Op. Cit., p. 217.

11 EVANS, Op. Cit., pp. 9-12.

2



Perigos que rondam a família

A família está sob ataque, e é preciso nos precavermos contra esses perigos

Em diversos momentos da história da Igreja Cristã, a doutrina da Triunidade foi atacada em algum dos seus aspectos. Isso ocorreu com certa regularidade. Ora surge algum movimento que acusa a doutrina da Triunidade de ser uma herança do paganismo, ora a ênfase recai sobre cada pessoa da Divindade, descambando para o triteísmo. Num momento, a missão do Espírito Santo fica em evidência, como acontece no pentecostalismo; noutro, Sua personalidade é negada, como nos movimentos unicistas. Um grupo enfatiza a humanidade de Cristo em detrimento de Sua divindade; outro destaca Sua divindade ao mesmo tempo que nega Sua humanidade.

Na década de 1960, o mundo passava por uma revolução política e social que abria espaço para grandes mudanças nos costumes e comportamentos da sociedade protagonizada pelo Movimento Hippie. Naquela ocasião, “jovens de diversas partes do mundo, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, com o objetivo de atacar o sistema da sociedade, demonstravam que não estavam mais dispostos a viver os costumes tradicionais e conservadores da maioria das famílias da época.” Esse movimento “foi impulsionado por artistas e músicos e se espalhou por vários países do mundo. Os Beatles foi uma banda que surgiu nesse contexto, tendo sido responsável pela difusão da contracultura por todo o planeta.” Desde então, a sociedade tem passado por mudanças assustadoras que confrontam diretamente as práticas e os princípios da Palavra de Deus.

Esses novos conceitos liberais têm sido uma ameaça aos valores da família estabelecidos pelo Senhor em Sua Palavra, e o maior desafio dos pais hoje é manter alta e firme a muralha de proteção contra os perigos que rondam a família.

Neste texto, queremos refletir quatro situações-problema que constituem grandes perigos para a família:

- ✓ A inversão dos valores morais;
- ✓ A mulher no mercado de trabalho;
- ✓ O mau uso da mídia, e
- ✓ O divórcio.

A inversão dos valores morais

Vivemos na era chamada de pós-modernismo, em que valores morais e espirituais importantes foram transformados pelos novos conceitos relativistas e progressistas. Os que levantam a bandeira

ra do relativismo defendem a teoria de que não existe verdade absoluta. Cada um tem a própria verdade. Os homens precisam ser livres para expressar os sentimentos sem a imposição de regras ou normas estabelecidas pela sociedade. Rejeitam as diretrizes das Escrituras Sagradas como princípio de vida e prática. Dentro desse bojo de heresias prega-se também a teoria de que o ser humano necessita evoluir para novas descobertas e se libertar de ideias e opiniões consideradas, segundo eles, antiquadas.

E nessa onda revolucionária muitos valores bíblicos defendidos pela sociedade cristã têm sido deixados de lado e vistos como coisas sem importância. O pudor, a honestidade e a pureza moral deram lugar às práticas vis da imoralidade e da corrupção. Os que defendem esses valores divinos são taxados, de forma pejorativa, de *moralistas*. A sociedade está em crise e isso tem afetado de forma assustadora as famílias, que têm surfado essa onda do engano.

As palavras proféticas de Isaías 3:9 dirigidas a Judá: “Eles não sentem nem um pouco de vergonha em mostrar publicamente os seus pecados, como fazia o povo em Sodoma”, têm tido seu cumprimento agora. As redes sociais têm sido uma vitrine de exposição de práticas abomináveis. E até pessoas que se apresentam como cristãs estão se expondo na internet. Homens e mulheres, jovens e idosos perderam de vista o limite da privacidade e expõem seus pecados sem nem um pouco de vergonha.

O conceito de privacidade se modificou. Como é triste ver irmãos e irmãs compartilhando nas redes sociais imagens de partes do corpo — coisa que há poucas décadas era considerada um ato vergonhoso para pessoas cristãs. Expõem-se pelo mero prazer de receberem *curtidas* e *likes* de seus pares. Precisamos repensar o conceito de privacidade, de moral e pudor segundo a Palavra de Deus.

Outra palavra profética que tem sido uma realidade hoje é o texto de Isaías: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz escuridade; põem o amargo por doce e o doce por amargo!” (Isaías 5:20).

O princípio bíblico de castidade “ficou no passado”. De acordo com as novas teorias do pós-modernismo, se uma moça ou um rapaz se dispõe a defender a castidade até o casamento como regra para a vida, certamente será alvo de zombaria e escárnio.

Aqui no Brasil se criou a lei da palmada, que proíbe os pais de a usarem para corrigir o filho sob pena de serem julgados e sofrerem alguma medida repressiva. Essa lei vai frontalmente contra a Palavra Sagrada: “A estultícia está ligada ao coração do menino, mas a vara da correção a afugentará dele” (Provérbios 22:15). Como resultado, meninos e meninas crescem sem conhecer o limite do que é certo e errado, do que podem e não podem fazer, e assim enveredam para o vale abissal do pecado.

As palavras de Oseias, dirigidas ao povo de Israel: “O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar” (Oseias 4:2), têm se cumprido tristemente agora. Esse é o retrato da sociedade. As práticas apresentadas no texto têm sido comuns, e isso é uma imagem da situação da família atual. Ser honesto hoje é notícia de jornal, e o cidadão se torna celebridade. Nesta era da licenciosidade, onde tudo é permitido, a quebra dos votos matrimoniais tem sido prática comum, incentivada em filmes, novelas e mídias digitais. O adultério tem destruído famílias, trazendo dor e tristeza a muitos homens e mulheres.

Esta é a sociedade que troca os valores morais e está se perdendo a passos largos rumo ao profundo abismo do mal. Existe um *Ai* para os que invertem os valores morais contidos na Santa Palavra de Deus. O *Ai* é julgamento, é condenação para os que são rebeldes contra Deus. Não permita que esses conceitos progressistas, que não têm o amparo da Palavra, destruam sua família.

A mulher no mercado de trabalho

Não pretendemos defender a ideia de que seja proibido à mulher entrar no mercado de trabalho para ajudar no orçamento do lar ou para a própria realização pessoal. Também não queremos apoiar o princípio machista (misógino) que as desvaloriza. Hoje, a mulher já é vista atuando em quase todas as áreas do mercado de trabalho, concorrendo com o homem em pé de igualdade.

Porém, quando a esposa e mãe se dedica a trabalhar fora em detrimento da sagrada missão no lar, isso pode resultar em danos irreparáveis para a família. É bom lembrar que a melhor babá e a melhor creche não substituem a presença efetiva da mãe junto aos filhos.

A esposa e mãe é a principal responsável pelo desenvolvimento físico, moral e espiritual dos filhos, bem como pelo equilíbrio emocional

e crescimento do marido. A formação do caráter dos filhos depende em grande parte do trabalho da mãe no lar. Alguém escreveu que:

“Há para a mulher uma obra mais importante ainda e mais enobrecedora que os deveres do rei em seu trono. Cabe-lhe moldar o espírito dos filhos e afeiçoar-lhes o caráter, de modo que venham a ser úteis neste mundo, e a tornarem-se filhos e filhas de Deus.”¹²

Há alguns anos, ocorreu um crime que repercutiu no Brasil e em quase todo o mundo. Um grupo de jovens adolescentes de classe média alta passeava pelas ruas de Brasília na madrugada de um sábado. Ao verem um homem dormindo na parada de ônibus, na avenida W5 Sul, aqueles jovens tiveram a ideia de atear fogo nele, o que resultou em sua morte. Naquela ocasião, psicólogos, sociólogos, educadores, políticos e líderes religiosos realizaram vários debates para entender o real motivo que levou aqueles jovens a cometer tamanha barbaridade.

Verificou-se que a maioria dos rapazes, embora pertencessem a famílias de boa estabilidade econômica, não possuía estrutura familiar adequada. Eram filhos de pais separados, certamente sem a presença ativa da mãe. Cresceram sem conhecer os limites da liberdade. Foram presos, julgados e condenados.

Nos Estados Unidos realizou-se um estudo para descobrir os motivos do aumento de divórcios no país. Entre tantos outros, constatou-se que a falta de diálogo entre os casais era uma das principais motivações. Isso se dava pelo fato de que marido e mulher trabalhavam em empresas diferentes e em turnos de trabalho que não lhes permitiam se encontrar durante a semana.

Queremos informar que o Céu reserva uma homenagem especial para todas as mães que trabalham pela salvação dos filhos. “Os anjos de Deus imortalizam o nome das mães cujos esforços ganharam os filhos para Jesus Cristo.”¹³ E mais ainda: os filhos salvos reconhecerão o trabalho de suas mães:

“Quando se assentar o juízo, e os livros forem abertos; quando o ‘bem está’ (Mateus 25:21) do grande Juiz for pronunciado, e a coroa de glória imortal, colocada na fronte do vencedor, muitos erguerão essas coroas à vista do Universo reunido e, indicando sua mãe, dirão: ‘Ela me fez tudo quanto sou mediante a graça de Deus. Seus ensinos, suas orações, foram abençoados quanto à minha salvação eterna.’”¹⁴

O mau uso da mídia

Certa ocasião, uma senhora, esposa de um pastor de outra denominação religiosa, me abordou dizendo: “A internet é boa, mas destruiu o meu casamento.” Naquele momento, ela abriu o coração e, com lágrimas, falou-me da tragédia ocorrida na família. Ela havia percebido que o esposo passava muito tempo navegando na internet, mas não entendia a razão. Pensava, a princípio, que estivesse preparando algum trabalho importante para a igreja. Com o passar do tempo, aquela situação a incomodou muito, pois ele passava noites a fio na internet. Uma noite, ela o surpreendeu navegando em um site de relacionamentos praticando atos ilícitos de forma virtual com uma mulher de um país distante. Ela me disse que aquilo foi a gota d’água para o fim do casamento e o início da desgraça daquele pastor.

As redes sociais oferecem as mais variadas plataformas para se interagir com o mundo virtual. Um mundo sem leis, sem CPF e RG, onde se abrem portas para o acesso facilitado aos mais terríveis pecados e crimes.

Os pais devem acompanhar as redes sociais dos filhos, principalmente das crianças e dos adolescentes. Os jornais têm noticiado muitos crimes praticados a partir dos contatos virtuais. Meninas e meninos são aliciados por pedófilos. Moças e rapazes têm se envolvido com pessoas que apresentam desvio de comportamento, tais como estupradores, *serial killers* e até células de grupos terroristas.

É verdade que a internet já faz parte da nossa vida. Ela tem sido uma ferramenta muito importante para facilitar o trabalho nas escolas e universidades, assim como na obra de evangelização e salvação de almas na igreja. Enfim, quase tudo na vida depende da internet. Porém, o diabo usa esse instrumento de comunicação para destruir vidas e desviar as almas do caminho da salvação. Necessitamos buscar constantemente sabedoria e força de Deus para não nos tornarmos vítimas das armadilhas do diabo.

Quando nos referimos à mídia, incluímos também o poder sedutor das músicas profanas. Músicas de estilos profanos devem ser descartadas de nossa *playlist*. Devemos ser criteriosos ao selecionarmos músicas seculares (e mesmo religiosas) para ouvirmos. Nossa alma deve ser alimentada com o que pode contribuir para o crescimento de nossas faculdades físicas, mentais e espirituais.

O divórcio

Outro elemento perigoso para a família é o divórcio. Segundo dados do IBGE de 2019, “o Brasil registrou 373.216 divórcios, o que representa um aumento de 8,3% em relação a 2016 (344.526 divórcios).”¹⁵

Por que tem crescido o número de casais se divorciando? Provavelmente por conta dos conceitos equivocados sobre o matrimônio difundidos na sociedade. Muitos jovens entram na relação matrimonial por motivos errados. Casam-se na expectativa de serem felizes ao lado de quem foi escolhido para ser seu companheiro. Outros para tirarem algumas vantagens do cônjuge. Certamente, essas relações matrimoniais não durarão muito tempo.

Amor, respeito, compromisso, responsabilidade e propósito são princípios básicos de um matrimônio duradouro. Todos os que pensam em casar-se, devem atender seriamente aos conselhos da Palavra de Deus a fim de não se arrependerem depois.

Conclusão

Encerramos esta mensagem com a reflexão dos textos inspirados a seguir:

“É propósito do cristianismo formar famílias felizes e felizes membros da sociedade”.¹⁶

“Há necessidade de constante vigilância para que os princípios que jazem no fundamento do governo da família não sejam desrespeitados. É desígnio do Senhor que as famílias na Terra sejam símbolo da família no Céu. E quando as famílias terrestres são conduzidas em linhas justas, a mesma santificação do Espírito será levada para dentro da igreja.”¹⁷

Referências

- 1 *Testemunhos seletos*, vol. 1, p. 412.
 - 2 *Orientação da criança*, p. 568.
 - 3 *Mensagens aos jovens*, p. 330.
 - 4 Disponível em: <<https://www.rodrigodacunha.adv.br>> Acessado em 17 set. 2020.
 - 5 *Signs of the Times*, 17 de fevereiro de 1881.
 - 6 *Manuscrito 80*, 1898.

Anotações para estudo:

3



Felizes para sempre?

Por que o namoro e o noivado podem ser tão importantes para o sucesso ou o fracasso da relação matrimonial?

O matrimônio é, ao mesmo tempo, a relação mais recompensadora e difícil que o ser humano conhece. Começou quando “o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gênesis 2:18, Nova Versão Internacional). Alguém afirmou que o lar é “a instituição mais difícil que se conhece”.

Os alarmistas destacam o fato de que o índice de divórcio na sociedade ocidental é o mais alto que a humanidade já viu. Vinte e cinco por cento dos casamentos no Brasil acabam em ruínas; e previsões apontam que o índice pode alcançar 33% nos próximos anos.

Mesmo assim, 90% dos brasileiros se casam, e a porcentagem de divórcio é menos perturbadora quando lembramos que só uma pequena fração dos fracassos consiste em divórcios repetidos, que duas em cada três pessoas divorciadas se casam de novo, e 90% delas permanecem casadas. Não desejamos fazer esta comparação para incentivar a promiscuidade ou a multiplicidade de experiências conjugais, mas apenas para informar que, apesar dos fracassos, a humanidade continua apostando no casamento.

Comparando o casamento com o setor econômico da sociedade, uma porcentagem muito mais alta de novas empresas fracassa em comparação com novas uniões matrimoniais. As estatísticas ficarão ainda menos alarmantes se admitirmos que elas podem ter uma margem de erro de até 25%. A evidência estatística é ainda menos intrigante quando nos lembramos de que não existe outro relacionamento humano tão cheio de possibilidades de fracasso. Não existem casamentos perfeitos pelo simples motivo de não existirem pessoas perfeitas e de ninguém conseguir satisfazer a todas as necessidades de outra pessoa. A dificuldade de se conseguir um casamento proveitoso é complicada grandemente pelas diferenças (sociais, hereditárias, de visão de mundo etc.) entre duas pessoas. Suas experiências ambientais são diversas, assim como são únicas as personalidades, necessidades, objetivos, tendências e respostas emocionais.

Se acrescentarmos às diferenças ambientais, genéticas e pessoais de um homem e de uma mulher as grandes diferenças emocionais existentes entre eles, ficaremos muito surpresos por existirem tantos casamentos vitoriosos!

Expectativas da adolescente ou mulher solteira quanto ao futuro marido

Uma jovem pode entender que é impossível duas pessoas imperfeitas conseguirem um casamento perfeito. Mesmo assim, num nível profundo de sentimento, ela nutre o sonho romântico de uma

realização perfeita com um marido gentil e atencioso, que ao mesmo tempo é forte e sábio — um homem que suprirá todas as necessidades dela. Na verdade, homem algum poderá suprir todas as necessidades emocionais e psicológicas de uma mulher. Ela quer ser protegida, apreciada, amada e, além disso, também quer liberdade e autonomia completas. Ela muitas vezes pressionará e testará os limites dele só para ter a certeza de que existem, e para pôr à prova a força do marido. Ela deseja se sentir segura ao saber que ele é forte o suficiente para resistir, mas sábio o bastante para saber quando ceder! Ela precisa saber o que ele espera dela, mas sem limitar a própria liberdade de escolha. Ela quer ser apreciada e ter a identidade própria reforçada por manifestações repetidas de reconhecimento, aprovação e afeto.

Basicamente, ela quer ser um apoio, não o gerente, mas dará a impressão de querer dominar enquanto pressiona e testa. Ela deseja manter o controle dentro da própria esfera, que envolve o lar e os filhos, mas também aí necessita do interesse e da força de um marido. Ela quer que a própria “esfera de influência” seja razoavelmente flexível, dependendo das necessidades emocionais flutuantes. Também quer que a afeição dele seja concedida de muitas maneiras, em grande e pequena escalas. Essas necessidades podem variar grandemente em grau, de dia a dia, e ela espera que o marido se apresente equipado com um certo grau de percepção extra-sensorial para que consiga compreender seus estados emocionais variáveis.

Expectativas do adolescente ou jovem solteiro quanto à futura esposa

Já o homem vê essa personalidade feminina como um misto de necessidades conflitantes, fantasiosas e ilógicas, que homem algum poderá satisfazer completamente. Mas ele também tem uma ampla variedade de expectativas. Ele quer que ela o faça se sentir competente, valoroso, acreditado. Pode até ter dúvidas interiores quanto a conseguir isso, mas não admitirá essas coisas nem a si mesmo, quanto mais à esposa. Ele precisa ser encorajado sem discursos, discussões ou críticas. A força do seu ego deve ser construída para que se torne apto a atuar numa sociedade altamente competitiva. Ele quer que a própria autoimagem seja reforçada, não destruída, enquanto a esposa mostra onde ele está errado.

Queixas, autopiedade e reclamações da parte da mulher num esforço para ganhar a atenção dele

só farão com que ele desça ao porão, vá à garagem, à casa de amigos ou familiares ou se tranque no frio e cinzento castelo da própria solidão. Ele normalmente detesta discussões porque sente que ela vai mudar de assunto, e que ele não vai sair vitorioso. Ele quer ficar sozinho quando estiver “lambendo as feridas” de seu ego destroçado; e quando estiver exausto ou preocupado, quer descansar sem ser incomodado com “conversinhas”, que poderiam acontecer num momento mais apropriado — ou mesmo nunca. Ele quer que ela dê ouvidos aos problemas e interesses dele, e se sente ofendido quando ela desvia a atenção; já ele, por sua vez, muitas vezes mostra pouco interesse pelos detalhes das experiências diárias dela. O lado controlador da natureza dela, que ele rejeita, pode fazer com que ele se retrai em silêncio ou exploda num desabafo raivoso ao se sentir ameaçado. Tais desabafos durante uma discussão resultam de sua autoridade masculina ter sido desafiada, de um sentimento de frustração por ser incapaz de se fazer entender, ou por ter sido levado a sentir-se como uma criança por causa de uma crítica do tipo “maternal” por parte dela.¹⁸

Avaliando o problema

Querido(a) jovem solteiro(a) ou adolescente,

Como você pôde perceber, os parágrafos introdutórios revelam a grande diferença existente entre a realidade masculina e a feminina. Até certo ponto, ambos têm expectativas convergentes, semelhantes, quando desejam se casar. Contudo, de certo ponto em diante, elas não somente se diferenciam, mas parecem se tornar contraditórias. As necessidades de um e de outro são totalmente diferentes. Leve em conta que todos os casais que já se uniram apresentavam necessidades e pontos de vista conflitantes. Os que souberam identificar grande parte das diferenças e aprenderam, juntos, a trabalhá-las, ainda permanecem unidos. Por outro lado, nem todos conseguiram entender esse universo de conflitos, e hoje levam uma vida solitária após o divórcio, cheia de cicatrizes e feridas causadas por um mau relacionamento. Por isso, é fundamental que você se prepare bem, na medida do possível, para dar esse passo tão importante — de se casar —, mantendo os olhos bem abertos. É para ajudá-lo nesse sentido que oferecemos a você este texto.

A Palavra de Deus fornece algumas dicas importantíssimas para ajudar os solteiros a dar passos seguros e confiantes nesse sentido, desde a

escolha do pretendente até a conduta que os namorados e noivos devem ter antes de se unirem no altar do casamento. Uma atenção sincera e o desejo honesto de cumprir a vontade de Deus nesse sentido ajudarão muito o casal de noivos a manter o foco nas questões que mais importarão quanto à sua felicidade futura.

O que a Bíblia diz a respeito do noivado?

Um compromisso cristão deve refletir o fato de que o casamento foi instituído e ordenado por Deus, destinado a ser um apoio mútuo às pessoas que se uniram num relacionamento de amor para fortalecê-las no objetivo de servir a Deus e aos outros. A Escritura aponta que o casal deve se afastar da família da infância e se dedicar um ao outro (Marcos 10:7-9). A Bíblia também afirma que o rompimento do compromisso matrimonial (infidelidade conjugal) é o mesmo que rejeitar a Deus.

A Palavra não descreve abertamente o comportamento de cristãos solteiros durante o período de namoro e noivado, mas existem referências sobre como um noivado acontecia nos tempos bíblicos. Normalmente, os casamentos eram arranjados para o benefício das famílias e de seus patriarcas. Os sentimentos das pessoas envolvidas ficavam em segundo plano. O noivo se aproximava do pai da noiva e juntos estabeleciam os termos, incluindo o *dote* pago pelo noivo, que deveria servir como um “ninho de ovos”, um “pé-de-meia”, uma reserva para ajudar a mulher caso o marido morresse ou a abandonasse sem ter lhe dado um filho. O noivo voltava para a casa do pai e construía um aposento para o futuro casal. Algum tempo depois, ele regressava para buscar a noiva a fim de a levar para o ambiente preparado. Nesse dia, eles faziam a cerimônia de casamento, as famílias festejavam e a noiva se tornava um novo membro da família do noivo.

Aplicando a Palavra

Uma abordagem moderna do compromisso de noivado é um pouco diferente, mas ainda deve manter três estágios semelhantes. Na primeira fase, um rapaz e uma moça se consideram potenciais parceiros para um casamento. Essa é a hora para se debater grandes questões, entre elas a fé (2 Coríntios 6:14 e 15), as obrigações familiares, os desafios pessoais e até mesmo as lutas contra o pecado. Rapaz e moça precisam saber o suficiente para terem condições de tomar uma decisão quanto ao próprio futuro e ver se

são compatíveis ou não como casal. Em seguida, precisam ter tempo para que Deus aprofunde no coração a certeza de que essa é mesmo a pessoa certa (Provérbios 3:5 e 6).

A segunda fase — o noivado —, é um momento importante para os dois. Assim que o casal concordou em aceitar os grandes problemas da vida um do outro, podem se comprometer a trabalhar para o casamento. Semelhante ao noivo israelita que construía um espaço para morar com a futura esposa, os noivos cristãos devem passar esse tempo se preparando. A preocupação principal não deve ser com a cerimônia, que pode durar poucas horas, mas com questões práticas de relacionamento, que irão garantir a força dessa união matrimonial.

A terceira etapa — o casamento —, é muito mais ampla que a união dos sentimentos de duas pessoas durante uma cerimônia. Se o noivado transcorreu de maneira adequada e completa, as habilidades aprendidas na fase anterior devem servir de ferramenta ao casal durante o primeiro ano de matrimônio — e por que não para a vida inteira? Isso significa que um casamento não é uma fase de testes para ver se as coisas funcionam. Não é uma chance para o casal se certificar de que são compatíveis em todos os pontos; é a fase para desenvolver habilidades de comunicação que os fará enfrentar a vida a dois. Se bem aprendidas, essas habilidades os ensinarão a se amarem com sacrifício (Filipenses 2:3). As habilidades de resolução, amor e comunicação são os sinais mais seguros de um casamento duradouro do que de uma compatibilidade pessoal num determinado estágio da vida.

Em geral, um noivado cristão deve levar ao casamento. É um compromisso com outra pessoa, e tais compromissos devem ser honrados. Por outro lado, não é crime romper o noivado se surgirem eventos ou problemas que levem o casal a questionar o futuro casamento. Ao contrário dos tempos bíblicos, romper um noivado está muito longe de ser um divórcio. Mas os noivados modernos devem ter um peso semelhante ao dos compromissos dos tempos bíblicos à medida que os dois aprendem a se tornar uma só carne. Se bem aproveitados, os meses de noivado prepararão o casal para muitos anos de um relacionamento saudável.

Certa vez, um pai disse ao filho:

“Quando você chegar à maioridade, seja muito prudente e discreto ao escolher uma esposa,

pois todo o seu futuro dependerá dessa escolha. É uma decisão comparável a uma armadilha de guerra, na qual só é possível errar ou acertar uma única vez.”

E, uma vez cometido o erro, dificilmente há conserto. Diz uma escritora:

“A escolha do companheiro para a vida deve ser feita de molde a melhor assegurar, aos pais e aos filhos, a felicidade física, mental e espiritual — de sorte que habilite tanto os pais como os filhos a serem uma bênção aos semelhantes e uma honra ao Criador.”¹⁹

É claro que a escolha não deve ser feita com base em métodos técnicos, como se costuma fazer na compra de um veículo ou de um smartphone. É muito certo e justo que alguém se case por amor, pois sem ele a vida a dois é no mínimo triste.

“Nunca se case, a não ser por amor” — disse William Penn — “mas trate de amar apenas uma pessoa digna de ser amada.”

Se neste mundo existe algum assunto que exija muita prudência, conselho, oração e direção do Alto, é o matrimônio. É com bastante razão que os russos diziam: “Antes de partir para a guerra, reze uma vez; antes de embarcar para o mar, reze duas; mas antes de se casar, por favor, reze três.”

“Ei, você ainda não é casado(a)!”

Tudo bem, parabéns, você é um noivo (ou uma noiva). O que fazer a partir de agora? Na verdade, só há um conceito a ser lembrado quando se trata de noivado, e é muito fácil recitá-lo mentalmente. Isso deve guiá-lo em cada decisão, pensamento e atitude até que você esteja diante de Deus, da igreja e do pastor no grande dia. Pronto? É o seguinte: **“Você ainda não é casado (ou casada)!”. Agora, dependendo da logística ou de outras circunstâncias tais como origem cultural, duração do relacionamento, coisas que outros cristãos possam ter contado a você, nunca se esqueça: “Você ainda não se casou”. É preferível você se esquecer do que já leu até aqui do que desta parte.**

Assumindo essa “regra fundamental de noivado”, vamos examinar algumas maneiras úteis, que honram a Deus, para passar por esse tempo único.

Em termos de como “passar o tempo” e sobre o que conversar, as principais preocupações são três: (1) o preparo para o casamento, (2) evitar a

tentação e (3) ter em mente que você ainda não é casado. Isso significa manter basicamente as mesmas restrições que vocês mantiveram algum tempo antes de noivarem. Em outras palavras, embora vocês passem mais tempo juntos, ainda assim não devem ficar a sós ou isolados num cômodo ou numa casa sem a presença de outras pessoas.

Por isso, não esqueçam estas dicas, que irão ajudá-los (e muito!) a extraírem o melhor do tempo de namoro e noivado:

1) *Evitem falar muito sobre sexualidade*

— Não passem tempo demais falando sobre como será a vida sexual após o casamento. Pelo contrário, fale claramente com seu parceiro sobre os limites a serem respeitados quanto à aproximação física nessa etapa, e apliquem métodos claros para os ajudarem a segui-los. Se um de vocês sente que deve falar com alguém de confiança (preferencialmente um profissional capacitado ou os pais) sobre medos ou preocupações que possam ter quanto ao futuro relacionamento sexual — especialmente a própria noite de núpcias —, então faça isso quando o casamento estiver próximo de acontecer. Essa também é uma época boa para abordar o tema com o futuro parceiro (pouco tempo antes da cerimônia). Isso é sério: é perigoso passar muito tempo juntos a sós em um ambiente privado. A tentação nesse aspecto é facilmente subestimada e é muito difícil recuperar a disciplina e voltar atrás depois que algumas barreiras foram ultrapassadas. Passem algum tempo em público. Mesmo nessa fase mais avançada do relacionamento, não há motivo ou necessidade para vocês ficarem sozinhos. Por razões de castidade, tenham muito cuidado sobre como e onde vocês passam o tempo juntos. É uma fase em que os hormônios estão “à flor da pele”, e qualquer deslize é um convite para “avançar o sinal” e acabar se envolvendo em coisas que podem causar vergonha e arrependimento futuros.

2) *Conduza o diálogo para coisas que realmente importam* — Você pode, neste ponto, começar a conhecer seu potencial

parceiro em um nível espiritual mais profundo. Vocês podem compartilhar testemunhos, falar mais profundamente sobre quem são, sobre os objetivos e esperanças para a futura vida a dois caso o Senhor demore mais do que o esperado e vocês tenham de viver por mais tempo ainda nesta Terra. Discutam coisas como questões espirituais, financeiras, emoções, expectativas quanto ao relacionamento, o modo como irão educar filhos, o local em que vocês se sentiriam confortáveis para frequentar a igreja etc. Tudo isso é fundamental para se ter cada vez mais certeza de que os dois estão “na mesma sintonia”. É preciso haver uma boa dose de semelhança entre os objetivos e pontos de vista, e disposição mútua para uma flexibilidade significativa, especialmente por parte da mulher, que um dia será chamada a se submeter à liderança do marido em muitos assuntos: carreira, direção da família, questões financeiras etc.). As coisas provavelmente serão muito difíceis no futuro se um dos dois receber o chamado para uma vida na Obra de Deus (ser evangelista ou pastor), especialmente se essa possibilidade for muito temida por um dos futuros cônjuges. Vocês também podem discutir coisas como família, questões emocionais etc. com mais detalhes à medida que as coisas se encaminharem para o casamento.

3) *Cuidado com o aprofundamento da intimidade emocional* — Obviamente, o estágio de noivado é o mais emocionalmente íntimo antes do casamento, e percebe-se que muitas pessoas pensam que deveriam conhecer o futuro cônjuge de um modo mais íntimo que qualquer outro ser humano do planeta. O risco dessa ideia ser uma suposição bastante errada é alto, e essa abordagem pode levar a muitos “casamentos emocionais”, fora do padrão bíblico ou saudável. Lembrem-se de que não existem nas Escrituras relacionamentos intimamente emocionais entre homem e mulher fora do casamento. Contudo, quando aparecem, são descritos como inapropriados ou condenados por Deus. Por causa disso, deixe-nos

sugerir que você limite também a intimidade emocional, assim como a física. Coloque o futuro cônjuge em sua lista de confidentes, mas não faça dele a principal válvula de escape emocional. Todo casal de noivos que investe demais nesse sentido pode sofrer frustrações no relacionamento, porque é mais fácil ter intimidade emocional no noivado do que no casamento, quando seria a ocasião mais apropriada. A realidade é outra. Os noivos não devem usar esse estágio para “beber profundamente” em nível de companheirismo emocional. O objetivo não é oferecer um fórum para “brincar de casado” e ver como funciona. Não deve ser um período muito prolongado. Não podemos, como questão bíblica, dar a você uma receita de tempo específica aqui. Por uma questão prática, seria prudente falar em nível de meses, mas não de dois ou mais anos para a duração do noivado.

4) *Tire tempo a sós consigo mesmo* — Talvez a própria companhia seja ótima nesse período pré-matrimonial. Como assim? Bom, há questões muito sérias a serem debatidas a dois, mas não só a dois. Você precisa internalizar o desafio de viver a dois, e precisa “digerir” as grandes transformações que está prestes a enfrentar. Nada melhor que tirar algumas horas por semana para ir a um parque, à igreja (fora do horário de culto) ou a uma biblioteca ou ambiente sossegado, onde você possa ficar a sós e refletir sobre a importante guinada que sua vida sofrerá em breve. Leve uma Bíblia ou abra as Escrituras no app do seu smartphone para ler um pouco, orar e meditar. Acredite: esses momentos a sós são tão importantes quanto os momentos a dois durante a fase de noivado. Nunca se esqueça: Jesus também separou alguns momentos para ficar a sós consigo e com o Pai assim que foi batizado. A vitória obtida nesses dias de solidão e retiro acabaram por definir o sucesso de todo o Seu ministério. Então, siga o exemplo dEle.

5) *Enfim, pense e planeje o evento de núpcias* — Um casamento não se trata só da

cerimônia que une duas pessoas. Não é especificamente o dia especial da noiva (embora seja um dia especial para ela), e não é principalmente o rito de passagem do noivo para a masculinidade cristã (embora em alguns aspectos também o seja). O dia do casamento é como qualquer outro dia da vida cristã, e tem muito a ver com Deus. Um casamento é um culto de adoração em que duas pessoas se unem para toda a vida. Na verdade, nos últimos séculos, a união matrimonial era vista assim. Ao planejar a música, a pregação e outros aspectos da cerimônia matrimonial, tenha em mente que, em última análise, é um evento de adoração a Deus, e não de exibição. É importante manter as coisas num nível de simplicidade cristã e reverência. Muitos casais investem tremenda energia e estresse — até mesmo lágrimas — no tipo de pergaminho falso que deveriam usar para ler as juras de amor um para o outro só por causa da impressão exercida sobre os assistentes. Ao valorizar tanto esses detalhes, estão negligenciando o casamento antes mesmo de embarcar nele. Um evento simples também permitirá que você tenha um noivado mais curto, o que na maioria dos casos é ótimo por uma série de razões óbvias, especialmente devido à pureza moral. Falando em compromissos longos, vamos abordar a logística. Se você acredita que encontrou a pessoa certa para se casar, case-se. A logística de tudo nunca será perfeita, mas o casamento é algo que vai durar o resto da vida. Será central e controlará qualquer atuação (profissional ou não) que vocês tenham. Ajuste coisas como escola, empregos, dinheiro, distância (em outras palavras, logística) para acomodá-las ao casamento e não o contrário.

Passado, futuro ou presente?

De acordo com a universitária Melissa Schill, estudante do Wheaton College, uma faculdade evangélica de Illinois, EUA, “durante a maior parte da minha vida, me classifiquei como uma pessoa ‘presente’. Alguns conhecidos se consideram *futuristas*, enquanto outros tendem a viver no *passado*. Eu? Normalmente, fico muito satis-

feita com o recorte de tempo em que estou. Mas, nem sempre. Às 16h07 do dia 11 de março, recebi um aviso da faculdade, que as aulas seriam transferidas para a *internet*. Deveríamos empacotar os pertences e deixar os dormitórios o mais rápido possível. Naquele momento, me tornei uma pessoa ‘do passado’. Dali em diante, passei a sofrer por causa dos dias de outrora, quando podíamos tocar os amigos ao redor da mesa no refeitório, e quando era possível se envolver em um debate com toda a sala de aula.

“Pelas próximas semanas, fiquei sentada no porão, olhando para a tela do meu laptop, mal-humorada por horas a fio. Interagir com um vídeo granulado e falhando de meus colegas e professores não era a mesma coisa que os ver pessoalmente. Minha cabeça estava tomada pelo passado, o que tornava a vida na realidade presente muito desagradável. Assim, lenta e inconscientemente percebi que não poderia viver o passado — só que ainda não estava feliz com minhas circunstâncias atuais. E então me tornei uma pessoa ‘futura’. Fiquei convencida de que tudo o que seria emocionante estava no futuro, quando as coisas ‘voltariam ao normal’. Assim, passei a aguardar ansiosamente o dia em que poderia me sentar ao redor de uma mesa com amigos ou em alguma carteira de sala de aula.

“O problema de viver no futuro é que nossas projeções e previsões geralmente estão muito distantes. O mundo dos sonhos que antecipamos não é de forma alguma garantido, e, neste caso, isso se confirmou rapidamente. No início do verão, a faculdade enviou informações sobre como seria o próximo semestre do outono. Máscaras, distanciamento social, padrões de tráfego de pedestres regulamentados, interações pessoais muito restritas. Fiquei péssima. Mas, então, veio a certeza.

“De um momento para outro, tornei-me dolorosamente consciente do descontentamento em que vivia. Já se haviam passado três meses. Fiquei com medo de desperdiçar quantias enormes de tempo de um modo tão fácil porque mentalmente eu ansiava estar no passado ou no futuro. Assim, entendi que deveria florescer onde eu estivesse plantada. Por isso, onde quer que você esteja, viva o presente. Isaías 43:18, 19 diz: ‘Esqueçam o que se foi; não vivam no passado. Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não o percebem?’ (Nova Versão Internacional.) Deus está criando um novo caminho *agora*. Ele está trabalhando *agora*. você não vê?”²⁰

A partir da transcrição da fala da Melissa, damos abertura à última grande dica deste capítulo. Viva no presente e em função do presente. É sério. Ninguém vai se casar esperando um dia sentir saudades do tempo de solteiro (e ninguém deve pensar assim!), mas a verdade é que em alguns momentos muito específicos, diante da pressão de alguns novos desafios, você vai sentir uma certa falta de alguns aspectos da vida de solteiro. Então isso quer dizer que a união matrimonial não valeu a pena? Não é nada disso. Assim como você passa agora por altos e baixos enquanto vive no mundo dos solteiros, também passará por momentos bons e ruins na futura vida de casado. Isso é ruim? Não, absolutamente não. Isso faz parte da vida humana, que é composta de fases, e não tem nada a ver com felicidade ou tristeza. Nossa dica é que você aproveite o momento, pois há um ditado popular que tem certo fundo de verdade: “O melhor da festa é a espera”.

Durante o período de namoro e noivado, os solteiros vivem uma fase emocionalmente agitada. Há muitos momentos de ansiedade, de intensa alegria, de decepções, de lágrimas, de perda de sono e de preocupações com uma série de coisas relativas à solenidade matrimonial, ao lugar aonde irão passar a lua-de-mel e aonde morarão após o casamento. É uma montanha-russa de emoções. O interessante é que vários estudos têm comprovado que as emoções fortes são parceiras inseparáveis da cognição humana (a capacidade de aprendizado).

Com base em pesquisas revolucionárias da neurociência das últimas duas décadas, o en-

tendimento do poder das emoções sobre o pensamento e a aprendizagem passou por grande transformação. O antigo ponto de vista, de que as emoções interferem de modo negativo na aprendizagem, está sendo substituído pela nova visão, de que emoções e aprendizado estão unidos por processos neurais que dependem uns dos outros. Isso se chama “pensamento emocional”, e abrange processos de aprendizagem, memória, tomada de decisão e criatividade.²¹

Por isso, é uma fase importante, inesquecível, e que não deve ser desperdiçada como uma ferramenta de aprendizagem sobre questões tais como relação com Deus, provas de fé, estratégia para aprofundar a percepção sobre a vida secular e a espiritual, entre outras coisas. Tente ficar menos ansioso e exerçete a fé em Deus, pois Ele sempre agiu no tempo certo. É só você olhar para o próprio passado para ver essas atuações. Com base nessas memórias, entregue sua vida presente a Ele, e peça auxílio para aproveitar ao máximo essa fase sem desagrada-LO, tornando-se uma pessoa cada vez mais espiritual e feliz.

Desejamos tudo de bom para você.

Referências

- 1 OSBORNE, Cecil G. *A arte de compreender o seu cônjuge*. Brasília (DF): TraumaClinic Edições (2017), 244 páginas, adaptado.
- 2 WHITE, E. G. *A ciência do bom viver*, p. 357.
- 3 SCHILL, Melissa. *Wherever You Are, Be All There* (adaptado). Portal Evangélico Boundless (Find your place. Focus your future). Disponível em: <<https://bit.ly/2GujSe9>>. Acessado em 8 out. 2020.
- 4 Robinson DL. 2009. *Brain function, mental experience and personality*. The Netherlands Journal of Psychology, vol. 64:152– 67.

Anotações para estudo:

4



Um marido segundo o coração de Deus

Amar a esposa é mandamento bíblico

A revolução de costumes que ocorreu durante a década de 1960 redefiniu o papel da mulher na sociedade atual. Ela deixou de ser apenas aquela que devia criar os filhos para se tornar uma colaboradora do mercado de trabalho e competir com o homem em igualdade de condições. Com essa mudança, o papel tradicional do homem como provedor da família foi questionado. À medida que a mulher foi conquistando espaço, o homem moderno passou a sofrer uma crise de identidade. A figura do pai sério, incomunicável, que não tinha tempo para deveres domésticos ou para brincar com os filhos, entrou em extinção.

Então, qual é o papel do homem na família de hoje? Ele não é mais o provedor, pois a mulher tem que trabalhar fora para complementar o orçamento doméstico. Os filhos cobram a atenção dele. Contudo, ele não tem mais um modelo de paternidade para seguir, pois seu pai e os avôs mantinham uma relação diferente da dele. O que significa ser marido e pai nos dias atuais?

Essa crise de identidade levou o homem a não saber mais qual é a própria importância e função dentro da família. Talvez o mundo tenha mudado muito, mas a definição bíblica do papel do marido na família é muito clara. Paulo, quando escreveu aos Efésios (cap. 5:22-31), delineou com clareza o papel do marido cristão para com a esposa:

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do Seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.”

Nessa passagem, Paulo não diz que a mulher deve amar o marido e que o homem deve se sujeitar à esposa. E por quê? Para a mulher é natural amar, mas para o homem, não. Porém, como o marido po-

deria amar a esposa de forma que possa cumprir esse mandamento bíblico? Se lermos com atenção o texto, veremos que o apóstolo cita quatro características do amor que o marido deve revelar à esposa.

Ser guia

No versículo 23, o apóstolo afirma que “*o marido é a cabeça da mulher*, como também Cristo é a cabeça da igreja”. Assim como Cristo é o líder da igreja, o marido e pai é o líder da família. Como tal, deve servir como orientador e guia. O marido não deve renunciar à missão de ser cabeça da família. Quando o filho pergunta se pode ir a tal lugar, o pai não deve responder: “Fale com a sua mãe.” Esse não é o papel dela. Você, como pai, tem a responsabilidade de deixar claro para os filhos o que eles podem e não podem fazer.

Você também foi colocado por Deus como sacerdote do lar, o responsável pela espiritualidade da família. Nas questões devocionais, você não deve se eximir da responsabilidade de conduzir o lar pelos caminhos de Deus. O Senhor espera que o pai assuma o cuidado espiritual da própria casa:

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras [de amar a Deus] que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te.” Deuteronômio 6:4-7 [colchetes acrescentados].

A liderança da família está nas mãos do pai. A educadora norte-americana Ellen G. White escreveu isto a respeito:

“O marido e pai é a cabeça da família. A esposa espera dele amor e interesse, bem como auxílio na educação dos filhos, e isso é justo. Os filhos pertencem-lhe, da mesma maneira que a ela, e sua felicidade igualmente o interessa. Os filhos esperam do pai apoio e guia; cumpre-lhe ter justa concepção da vida, e das influências e associações que devem rodear sua família; ele deve ser regido, acima de tudo, pelo amor e temor de Deus, e pelos ensinos de Sua Palavra, a fim de lhe ser possível guiar os pés dos filhos no caminho reto.”²²

Ele deve ser dedicado à família

Paulo compara o amor de Cristo pela igreja com o amor que o marido deve ter para com a esposa. Ele afirma que Cristo, por amar a igreja, “*a Si mesmo Se entregou por ela.*” (vers. 25.) É esse

espírito de sacrifício que o marido deve demonstrar se quiser amar de fato a esposa. O homem precisa colocar as relações familiares acima das preferências pessoais. Se o homem não está disposto a renunciar a si mesmo, então não está pronto para se casar. Devemos colocar a Deus em primeiro lugar. O segundo posto da vida do marido deve ser ocupado pela esposa, e, logo em seguida, pelos filhos. Depois, vem a igreja e o trabalho. Finalmente, as próprias preferências devem ficar em último lugar (isso, se der tempo!).

Alguns homens, mesmo após se casarem, querem continuar com a mesma rotina dos tempos de solteiro. Quando chegam em casa, não têm disposição para conversar com a esposa ou para brincar com os filhos. Aprofundar relações e criar um ambiente agradável em casa não é fácil. Exige dedicação e esforço por parte do chefe de família. Mas os lucros compensam os esforços. À medida que você constrói um relacionamento gratificante com a família, nenhum dinheiro do mundo ou sucesso profissional pagará isso.

“‘Falta tempo’, diz o pai; ‘não tenho tempo de dedicar-me à instrução de meus filhos; não tenho tempo de dedicar-me a prazeres sociais domésticos.’ *Então não devíeis ter tomado sobre vós a responsabilidade de uma família.*”²³

Ser provedor

Além da dedicação e orientação, o marido deve prover alimento emocional e espiritual à esposa e aos filhos. O apóstolo escreveu que “quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, *a alimenta e dela cuida*, como também Cristo o faz com a igreja” (cap. 5:28, 29). Ao contrário do que os homens imaginam, não basta trabalhar duro o dia todo, prover as necessidades básicas da família e achar que está provando o seu amor por ela. Para a esposa, isso não basta; é preciso demonstrar de outras formas que você a ama.

Ao contrário do homem, a mulher precisa ser conquistada todos os dias. Por que o homem só dá presentes, faz convites para jantar fora e a leva para passear apenas no período do namoro? Por que são românticos só no começo da relação? Será que imaginam que uma vez casados não há mais necessidade de cultivar e demonstrar o amor que têm pela esposa?

O homem cristão tem o dever de resgatar o romantismo no casamento. Ao fazer isso, deixará a esposa feliz e realizada. Ao contrário do homem,

que é levado pelo que vê, a mulher gosta do que ouve. Por isso, diga todos os dias à sua esposa que a ama. Isso pode ser feito de diversas formas. Escreva bilhetes dizendo o quanto ela é importante para você e os coloque na porta da geladeira. Digas-lhe como você é feliz por estar casado com ela. Compre um botão de rosa para ela, mesmo que não seja uma data importante. Ligue do trabalho apenas para falar que está com saudade dela e que ligou apenas para ouvir a sua voz. Com essas pequenas ações, você diz que sempre, diariamente, se lembra dela. Quem sabe não seria uma boa ideia deixar as crianças aos cuidados da sogra ou da sua mãe para poder levar a esposa para um almoço romântico? De vez em quando, fará bem para o seu casamento convidar a esposa para uma atividade a dois. Ao tomar essas atitudes para resgatar o romantismo no casamento, o marido alimenta emocionalmente a esposa e cumpre a vontade de Deus para a sua vida conjugal.

Deixar

A quarta forma de demonstrar amor pela esposa está descrita em Efésios 5:31, que diz: “Eis por que *deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher*, e se tornarão os dois uma só carne.” Para cumprir plenamente o mandamento bíblico de amar a esposa, o homem deve deixar pai e mãe. Qual é o sentido de “deixar” nesta passagem?

O marido deve alcançar independência financeira da casa paterna. Apenas quando se alcança uma situação financeira estabilizada é que o casal está apto a formar uma família. Uma das causas principais de dificuldades no casamento são os problemas financeiros mal resolvidos. É constrangedor e impróprio pedir dinheiro aos pais (tanto aos seus quanto aos da esposa) toda vez que enfrentam uma dificuldade financeira. É preciso administrar sabiamente o que se ganha. A família precisa viver dentro da realidade dos rendimentos disponíveis. Numa sociedade consumista como a que se vive, é fácil comprar

coisas desnecessárias e acumular dívidas. Todo homem deve lutar para provar o seu amor pela esposa vencendo as dificuldades financeiras.

O marido precisa deixar de lado a dependência emocional da família paterna. Ele agora tem sua própria família e não pode depender da opinião dos pais (e da mãe, em particular) para tomar as decisões que lhe cabem como chefe da casa. Abandone emocionalmente a casa dos pais e assuma a liderança da própria vida e da sua família.

Ao se casar, o homem também precisa deixar a casa dos pais fisicamente. Mesmo que não possa dar o mesmo conforto com que a esposa estava acostumada na casa dos pais dela, ele deve oferecer o seu próprio recanto. O casal precisa desenvolver intimidade, e isso só se consegue com privacidade. Se continuarem morando muito próximos dos pais, pode haver intrometimento inadequado da família, e isso tende a prejudicar o casamento que está se consolidando.

Conclusão

Muito antes de o mundo discutir o papel do homem na relação familiar, a Palavra de Deus apresentava qual deve ser a atitude do cristão no casamento. O homem deve amar a esposa. Deve fazê-la feliz.

Durante cinco anos, um jovem estudante de antropologia viveu entre os índios *sioix*, nos Estados Unidos. Durante o tempo que passou estudando a cultura, os valores, a língua e os hábitos de vida daquela comunidade, ele desenvolveu profunda amizade com a anciã da tribo. Quando a sua tese foi concluída, ele foi se despedir da amiga. Ela, com tristeza, disse: “Eu vou sentir muito a sua falta, pois eu me amo mais quando estou com você.” E sua esposa, diria o quê?

Referências

- 1 *A ciência do bom viver*, p. 390.
2 *Fundamentos da educação cristã*, p. 65.

5



Uma mulher segundo o coração de Deus

Seguir o plano de Deus para a mulher, em uma sociedade de valores anticristãos, é um desafio para elas

Opapel da mulher no casamento tem sido deformado na sociedade moderna. Em nome da libertação da mulher do jugo patriarcal imposto pela sociedade, movimentos feministas têm defendido que ela deve priorizar a vida pessoal ao invés da familiar. O papel do homem no casamento também foi posto em xeque. Sua autoridade foi questionada e sua imagem e importância, enfraquecidas. A combinação desses fatores leva a nossa sociedade narcisista a pagar um preço muito alto: vidas frustradas, crianças problemáticas e casamentos desfeitos.

O mundo acredita que uma mulher bem-sucedida é aquela que tem uma carreira acadêmica e profissional de sucesso. A Palavra de Deus desafia as mulheres a dedicarem suas forças a outros objetivos, de ordem eterna e mais impactantes: ter uma família que seja um pedaço do Céu na Terra e desenvolver um caráter semelhante ao de Cristo. Ela pode conquistar tudo o que deseja, mas não deve descuidar do plano de Deus para a sua vida. Neste capítulo, vamos explorar um pouco o projeto de Deus para as mulheres. Não pretendemos esgotar o assunto, mas queremos apresentar os principais eixos norteadores desse plano divino.

Ela é a auxiliadora do homem

Quando Deus criou a mulher, explicou por que não era conveniente que o homem vivesse sozinho no mundo: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele *uma auxiliadora* que seja semelhante a ele.” (Gênesis 2:18, Nova Almeida Atualizada). O projeto de Deus para a mulher é que ela estivesse ao lado do marido, não como concorrente, mas como ajudadora, apoiadora. Ela não deve ser a cabeça nem os pés da relação; por isso, Deus a fez da costela do homem. Ela seria alguém que estaria próximo ao seu coração, ao seu lado. Ellen G. White comenta:

“Ao criar Eva, Deus pretendia que ela não fosse inferior ou superior ao homem, mas em todas as coisas lhe fosse igual. O santo par não devia ter nenhum interesse independente um do outro; e não obstante cada um possuía individualidade de pensamento e de ação.”²⁴

Em essência, a relação entre a mulher e o homem deve seguir o padrão de comportamento que se espera de um seguidor de Cristo. Ajudar o próximo é a parte essencial do cristianismo. A esposa estará cumprindo seu papel na relação matrimonial quando se dispor a ajudar o esposo a desenvolver todo o potencial da família. Contudo, se mal conduzida, essa função pode ser desvirtuada e levar a mulher a um sentimento da baixa autoestima. Ela pode se sentir apenas um andaime ou degrau para

o sucesso do marido. Por isso, no cristianismo Deus espera que o patrão seja servo do empregado, e o chefe sirva ao funcionário. Esse princípio se aplica a todas as relações pessoais, quer seja na questão de gênero (homem e mulher), classe social (rico e pobre) e étnico-racial (gentio ou judeu; veja Gálatas 3:28). Como crentes, nossas relações não podem ser contaminadas pelo espírito de dominação, de prestígio pessoal, de superioridade. Além disso, não é só a mulher que deve servir no casamento, mas o marido deve fazer isso, no Senhor. As relações familiares são uma extensão do nosso culto e serviço a Deus.

Quando a mulher assume o papel de auxiliadora do homem, não significa que ela deva renunciar a seus projetos pessoais. Ela não perde a personalidade e individualidade por isso. Ao nos criar, Deus colocou no coração do ser humano a necessidade de viver em comunidade, em grupo. A menor unidade de vivência humana é a família. Nada a substitui. O ser humano sente-se deprimido quando está sozinho, quando não comunga com outra pessoa. Precisamos de ajuda mútua. Essa cooperação é uma via de duas mãos, e se torna uma bênção tanto para quem dá como para quem recebe.

Quando a mulher falha nesse projeto divino, ela prejudica o marido e afeta a família. A Bíblia apresenta vários exemplos de mulheres que influenciaram o marido a errar nas escolhas que fizeram. Elas deixaram de ser auxiliadoras para se tornarem pedras de tropeço. Isso aconteceu com Eva quando seguiu o próprio coração, desobedecendo a Deus. Sua atitude influenciou o marido, que, temendo ficar sem ela, optou por desobedecer também. A esposa do rei Acabe, Jezabel, induziu-o a se afastar dos caminhos de Deus. Ela era uma zelosa missionária dos deuses pagãos do povo a que pertencia. A mulher de Jó, em vez de apoiar o marido e encorajá-lo, quis levá-lo a amaldiçoar a Deus e desejar morrer. Quando a mulher se desvia do projeto original de Deus, ela erra, e toda a família é afetada por isso.²⁵

Elá respeita o marido

No plano original de Deus, a mulher tem os mesmos direitos e deveres que o homem. Ela deveria governar o mundo da mesma forma que ele. Tanto um quanto o outro foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:27, 28). Ela pode conquistar o mundo e se realizar tanto profissional quanto intelectualmente. Contudo,

há uma diferença de função no relacionamento familiar.

Na dinâmica do casamento, o homem deve ser a cabeça assim como Deus é a cabeça de Cristo (1 Coríntios 11:2). Pai, Filho e Espírito Santo compõem a Divindade única que adoramos. Eles são um Deus em essência, mas três em personalidade. Apesar de serem eternos, imutáveis, oniscientes, onipresentes e onipotentes — portanto, iguais —, existe uma relação dinâmica entre Eles. O Pai envia o Filho à Terra para morrer pela humanidade. Enquanto esteve entre nós, Jesus buscou fazer a vontade do Pai. Nem por isso, Se sentiu menor. A mesma vontade de honrar ao Pai que havia em Cristo, deve existir na mulher cristã em relação ao marido. Paulo fala disso em outros termos em Efésios 5:22: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor”. Observe que o apóstolo explica que a submissão da mulher ao homem deve ser “como ao Senhor”. A maneira como o cristão se dispõe a obedecer a Deus e seguir a Sua vontade deve ser o espírito da mulher na sua relação para com o esposo. Seria isso sinal de subordinação e dominação masculina? Não, longe disso, pois não é assim que nos relacionamos com o Todo-Poderoso. Estamos debaixo de Sua autoridade porque sabemos que Ele nos ama. Assim deve ser a relação entre o homem e a mulher.

A submissão da esposa ao esposo não era problema para os cristãos primitivos, mas é para a mulher cristã de hoje. Naquela época, a mulher valia pouco mais que um escravo. Ela era propriedade do marido. A oração ensinada pelo Rabi Judá Ben Elai (cerca de 150 d.C.) revela o valor social da mulher naquele tempo. Ele dizia: “Deve-se pronunciar três doxologias todos os dias: Louvado seja Deus que não me criou pagão! Louvado seja Deus que não me criou mulher! Louvado seja Deus que não me criou pessoa iliterata!”²⁶

A fé cristã rompeu com esse paradigma social e elevou a mulher a uma condição que era desconhecida naquele tempo: a de igualdade com o homem diante de Deus.

Apesar de defender essa igualdade de condição, as Escrituras não se esquecem de lembrar que para as relações familiares funcionarem é preciso que a mulher respeite o marido. Essa disposição de estar sujeito uns aos outros é um princípio básico do cristianismo (Efésios 5:21). Esse princípio não é uma via de mão única. A sujeição deve ser

recíproca. Por fim, devemos estar todos debaixo da autoridade de Cristo.

Quando Deus ordena que as mulheres respeitem os companheiros, não está querendo dizer que elas devam ser dóceis, sem identidade, passivas ou dominadas por sentimentos de inferioridade. No casamento, cada pessoa deve ter sua função, mas os papéis devem ser desempenhados com amor.

Elá valoriza o conteúdo e não a aparência

A sociedade atual valoriza muito mais a aparência externa das pessoas do que seu interior. O ser humano hoje vale pelo que parece ser e não pelo que é. Essa também era a realidade da alta sociedade nos tempos do Império Romano. A diferença entre aquela época e os nossos dias estava no alcance desse fenômeno. Atualmente, essa cultura é massificada e atinge todos os estratos da pirâmide social. Parece que algumas das igrejas cristãs estavam sofrendo desse mal.

“Na igreja de Éfeso, algumas mulheres vinham para a adoração pública vestidas extravaganteamente e usando joias caras. [...] A motivação delas era uma demonstração arrogante de riqueza ou sedução sexual.”²⁷

Paulo aconselha essas mulheres a refletirem sobre seus valores e atitudes com as seguintes palavras: “Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)” (1 Timóteo 2:9, 10). O grande apóstolo afirma que as mulheres devem *ataviar-se com modéstia*. Ele está querendo dizer que não havia nenhum problema se a mulher cristã se preocupasse com a própria aparência. O problema ocorria quando elas se esqueciam de cuidar do mundo interior e supervalorizavam o exterior, a aparência. Elas devem se cuidar, mas devem se preocupar em produzir “boas obras”.

O apóstolo Pedro dá um conselho semelhante às irmãs que viviam ao norte da Ásia Menor: “Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus” (1 Pedro 3:3, 4). A mulher cristã deve valorizar o adorno interior. Para que não houvesse dúvidas quanto ao que havia dito, o

apóstolo afirma que esse adorno era “um espírito manso e tranquilo”. A palavra grega traduzida por manso (*praus*) “refere-se à atitude humilde e gentil que se expressa como submissão paciente.”²⁸ Além disso, elas devem ser humildes. Era a mesma mansidão e humildade que havia em Cristo (Mateus 11:28, 29). Os cristãos em geral e as mulheres cristãs em particular devem ser tais qual seu Mestre. Elas não podem ser impacientes e irritadiças nem usar palavras duras e iradas. Elas precisam ter equilíbrio emocional no trato com o marido e com os filhos.

Elá deve ser uma boa dona de casa

A mulher cristã é fator determinante para criar um ambiente saudável na família. Ela tem o poder de transformar uma casa em um lar. Por isso, o apóstolo aconselha as viúvas jovens a buscarem um novo casamento, e que “criem filhos, sejam *boas donas de casa* e não deem ao adversário ocasião favorável de maledicência” (1 Timóteo 5:14). Ele escreveu também que as mais velhas devem ensinar as mais novas a “serem sensatas, honestas, *boas donas de casa*, bondosas, sujeitas ao marido, para que a Palavra de Deus não seja difamada” (Tito 2:5).

Irwin comenta que:

“A recomendação de que sejam boas donas de casa não é um punhado de palavras sem sentido – traz consigo forte significado. Paulo queria que as mulheres tivessem uma disposição doméstica, que amassem seus lares e se ocupassem com eles. Isso sugere que as mulheres devem orientar, dirigir suas casas, e não apenas mantê-las limpas.”²⁹

Para a sociedade moderna, isso parece anacrônico (fora de época). Era muito mais fácil dar esse tipo de conselho naquele tempo do que hoje. As mulheres tinham poucas oportunidades profissionais e comerciais. Isso mudou, pois não existem mais limites para a ascensão profissional delas. Contudo, o foco da mulher cristã continua o mesmo: formar um lar cristão. Não há sucesso profissional que substitua esse projeto divino. Uma construção espaçosa, com fino acabamento, bem decorada e confortável nem sempre é um lar. Quando um lugar assim se transforma num lar? Quando ela amar o marido e os filhos (Tito 2:4).

Existem dois extremos que a mulher cristã deve evitar. Um é se dedicar à carreira profissional a ponto de negligenciar a família. O outro, não menos perigoso, é de se preocupar em

cuidar mais das coisas do que das pessoas. O projeto de Deus é que o centro de nossa atenção seja a família. Tanto um caminho quanto o outro transformará a vida da mulher numa frustração. O comentarista bíblico William Barclay escreveu: “O mundo pode existir sem suas reuniões e organizações; não pode existir sem os seus lares, e um lar não é lar quando a senhora do lar estiver ausente.”³⁰

Para ser uma boa dona de casa, a mulher precisa ser precavida quanto ao futuro. Segundo a Palavra de Deus, a esposa que se prepara para os tempos difíceis está livre de preocupações. A mulher cristã “quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações” (Provérbios 31:25). Ela não está preocupada com o futuro porque se preparou no presente. Em uma sociedade de consumo, que faz as pessoas acreditarem que gastar é uma forma de ser feliz, ela separa parte dos recursos para quando o casal envelhecer.

Ser boa dona de casa significa priorizar o marido aos filhos na relação familiar. Nancy Van Pelt comenta que

“Embora o papel da mãe seja importante, o papel de esposa é, em alguns aspectos, mais importante e essencial. A mulher que confunde suas prioridades e coloca o filho antes do marido fará o esposo se sentir rejeitado. E um esposo insatisfeito pode desenvolver ressentimento em relação ao filho, que parece ter prioridade na vida da esposa. Esse tipo de esposa facilmente se distancia do companheiro e, muitas vezes, ‘substitui’ o esposo pelo filho. Ela também pode comunicar ao filho a frustração e a pouca estima que tem pelo marido. Isso pode fazer com que a criança desenvolva falta de respeito e até ódio pelo pai. Quando as mulheres procuram ser esposas antes de serem mães, enriquecem a vida do esposo, dos filhos e delas mesmas.”³¹

Ela deve ser uma cristã comprometida

O quadro descritivo do papel da mulher na família não está completo se não destacar sua posição como membro do corpo de Cristo. Em outras palavras, ela precisa ser uma crente compromissada com o evangelho.

Como foi dito anteriormente, a mulher não tinha muitos direitos na sociedade do primeiro século, e no campo espiritual não era diferente. Os discípulos ficaram espantados com o fato de encontrarem Cristo conversando com uma samaritana pelo fato de ela ser mulher (João 4:27).

Os rabinos nivelavam os direitos das mulheres aos dos escravos e das crianças. Tanto a mulher quanto o escravo e a criança não eram convidados para proferir a bênção durante a refeição. O Rabi Eliezer Ben Hyrkanos chegou a dizer que aquele que ensina a Lei à sua filha, ensina-lhe estultícia (Sotah 3:4). A conversão das mulheres era desencorajada. Os rabinos ensinavam que “antes fossem as palavras da Torá queimadas do que entregues a mulheres.” Contudo, Jesus não via as coisas dessa maneira. Ele tinha mulheres entre os discípulos (Marcos 15:40, 41), e elas chegavam a contribuir para o sustento do Seu ministério (Lucas 8:2, 3). A primeira testemunha de Sua ressurreição foram mulheres (Mateus 28:1; Marcos 16:1). Jesus resgatou a dignidade feminina e a igreja só seguiu o Seu exemplo.

As esposas são iguais aos maridos em seu relacionamento com Deus. A mulher tem aproveitado esse privilégio de duas maneiras. Primeiro, desenvolvendo vida espiritual saudável e buscando a semelhança com Cristo. Elas mantêm um relacionamento com Cristo através da leitura da Palavra e a oração. Segundo, Deus concede dons espirituais às mulheres para desenvolver ministérios que podem abençoar a igreja e o mundo. Quando o Senhor dá dons, não olha para o gênero, a posição social ou a origem étnica. O envolvimento delas no reino de Deus não é para concorrer com o homem, mas para edificar a Obra do Senhor.

Referências

- 1 *Testemunhos seletos*, vol. 1, p. 412.
- 2 IRWIN, Elvin D. *O plano de Deus para a família*. Miami, Florida: Vida, 1986, p. 63.
- 3 BROWN, Colin (Ed.) em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 3. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 217.
- 4 COUCH, Mal (edit.). *Os fundamentos para o século XXI*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 585.
- 5 RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 561.
- 6 IRWIN, Op. Cit., p. 64.
- 7 Citado por IRWIN, Op. Cit., p. 66.
- 8 PELT, Nancy Van. *Como formar filhos vencedores*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006, p. 141.

6



Educar filhos para a glória de Deus

Os pais cristãos têm diante de si o desafio de tornar seus filhos semelhantes a Jesus Cristo

“Educar filhos é a coisa mais fácil do mundo.” É isso o que as pessoas pensam até terem filhos. Elas não têm ideia de como isso é complicado. As crianças não vêm com manual de instruções. Trocar fraldas, preparar a mamadeira e o jeito certo de agir quando elas têm febre são questões que a prática pode facilitar, mas não mais do que isso. O problema é que cada filho é diferente do outro, e é preciso tratar a cada um de forma diferente. Educar filhos não é como fazer um bolo, pois não existe receita. O que existe são princípios que podem nortear as ações dos pais como educadores. Podemos encontrar diretrizes seguras na Palavra de Deus. Que valores são esses?

A passagem de Efésios 6:4 ensina três princípios para se educar os filhos nos caminhos de Deus: “*Pais, não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor*”. Um é descrito de forma negativa e dois de forma positiva. Primeiro, Paulo nos aconselha a não irritar os filhos; depois, a criá-los conforme a instrução do Senhor, e, por último, no conselho de Deus.

Exterminadores de sonhos

O primeiro princípio exposto por essa passagem está no início do versículo: “*Pais, não irritem seus filhos*” (Efésios 6:4 [primeira parte]). A mensagem de Paulo aos pais cristãos parece, num primeiro momento, apontar na direção errada. Quem é pai sabe quanta paciência é preciso ter para conviver com os filhos. Seria mais sensato ouvir o apóstolo aconselhar: “*Filhos, não irritem os seus pais*.”

É possível que nada irrite mais os pais do que a mania de um irmão implicar com outro e a situação acabar em briga (como quase sempre acontece!). Parece que um irmão não pode ver o outro quieto ou brincando tranquilo. Parece que existe alguma disfunção neurológica temporária em crianças pequenas que as obrigam a perturbar o irmão que está mais quieto. E o pior é que há um revezamento constante entre eles, alternando momentos de intensa agitação com raros momentos de quietude.

Por isso, o conselho do apóstolo Paulo parece um pouco sem propósito em uma primeira leitura apressada. Mas quando refletimos sobre a nossa postura como pais, percebemos que as atitudes dos filhos apenas refletem as nossas ações e reações. Não queremos colocar um fardo de culpa sobre os já cansados ombros dos pais. Contudo, temos que concordar com o apóstolo — não devemos irritar os filhos.

Com isso, não queremos dizer que os pais não devam contrariar a vontade dos filhos. Deixá-los

sem limites os tornariam pequenos tiranos, inaptos para conviver em sociedade. A Bíblia enfatiza a necessidade de darmos disciplina aos filhos, ou seja, estabelecer limites. Contudo, isso não é fácil, porque ninguém gosta de limites.

Então, do que Paulo está falando? A Edição Pastoral da Bíblia traduz esse versículo assim: “*Pais, não deem aos filhos motivo de revolta contra vocês; criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor.*”

Repasse a sua atitude como pai. Perceba que na maioria das ocasiões, de forma inconsciente desestimulamos os filhos. Ora não damos a atenção que pedem, ora os criticamos de forma dura, do jeito que não faríamos com outros adultos.

A maior parte do tempo as crianças só querem um pouco de atenção e demonstração de afeto. Quando não satisfazemos essa necessidade básica, pode ser que elas reajam de forma desagradável. É a lógica receber atenção de qualquer jeito, seja por bem seja por mal. Isso acaba nos “tirando dos eixos”, e nossa reação termina por ferir os filhos, iniciando um círculo vicioso que, a menos que tomemos uma atitude, não termina.

Quando os filhos fazem alguma coisa que mereça elogio, em geral somos econômicos em demonstrar nossa admiração. Contudo, quando agem mal, temos uma palavra dura na ponta da língua para revelar nossa insatisfação e desagrado. Segundo Paulo, precisamos mudar de atitude. Mais ternura e menos rispidez.

J. F. MacArthur Jr. sugere nove formas com que os pais amarguram os filhos:

Superproteção: Existem pais que colocam travesseiros e almofadas no caminho da criança para impedir que caia e se machuque. Essa atitude impede que a criança desenvolva independência. Ela se sente sufocada pelos pais.

Favoritismo: Comparar a atitude da criança com a de um irmão ou de outra pessoa que não seja da família. É o clássico: “Por que você não age como seu irmão? Ele nunca me deu desgosto! Nunca precisei ir à escola para conversar com os professores sobre as notas dele!” etc.

Exigência de conquistas: Pressionar a criança a se destacar em alguma atividade, seja escolar ou esportiva, ou em qualquer outra área. Criar a expectativa de que você espera que ela se supere e seja superdotada em relação às demais crianças da mesma idade.

Desencorajamento: Certos pais acreditam que se elogiarem os filhos vão deixá-los orgulho-

sos ou vaidosos. Eles são econômicos na hora de valorizar o que a criança faz de correto, mas não a deixam esquecer daquilo que fazem de errado.

Falta de sacrifício: Dar a entender que a criança é uma intrusa na vida dos pais. Dizer que ela não foi planejada e que interrompeu os sonhos e projetos dos pais.

Não permitir a infância: Essa atitude pode se manifestar de duas maneiras. Ou os pais criticam a criança por ela agir como adulto, ou a condenam por fazer coisas infantis ou imaturas. São pais que não deixam a criança ser criança.

Negligência: Não ter tempo para os filhos. É o famoso “pai e mãe ausentes” da vida das crianças. Eles estão sempre ocupados demais para compartilhar sua vida com os filhos. A situação se agrava quando querem compensar essa falta de atenção com presentes caros.

Negar amor: As crianças se ressentem quando não recebem demonstrações de afeto: abraços, beijos, frases carinhosas. Em vez disso, só vem ameaças e castigos físicos.

Palavras cruéis: Você pode destruir o coração de uma criança pelo jeito que fala com ela.³²

Disciplina

O segundo princípio para o qual o apóstolo Paulo nos chama a atenção é o da *instrução* (a Almeida, Revista e Atualizada diz *disciplina*). No texto original, a palavra *instrução* (*paideia*) era um termo técnico usado para se referir ao sistema educacional e ético que formava o cidadão grego, com o objetivo de capacitá-lo para ser líder ou liderado e ocupar um lugar de destaque na sociedade. Paulo tem esse objetivo em mente, mas o seu enfoque na formação de filhos é “devemos ajudá-los a se tornarem semelhantes a Jesus Cristo”. Segundo as Escrituras, um dos meios para se alcançar essa meta é a disciplina com amor:

“Vocês se esqueceram da palavra de ânimo que ele lhes dirige como a filhos: ‘Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor, nem se magoe com a Sua repreensão, pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho’. Suportem as dificuldades, recebendo-as como disciplina; Deus os trata como filhos. Pois, qual o filho que não é disciplinado por seu pai? Se vocês não são disciplinados, e a disciplina é para todos os filhos, então vocês não são filhos legítimos, mas sim ilegítimos. Além disso, tínhamos pais humanos que nos disciplinavam, e

nós os respeitávamos. Quanto mais devemos submeter-nos ao Pai dos espíritos, para assim vivermos! Nossos pais nos disciplinavam por curto período, segundo lhes parecia melhor; mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da Sua santidade. Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados” (Hebreus 12:5-11).

E se não ouvirmos esses conselhos divinos? Como Deus agirá conosco? Segundo Hebreus, Deus nos administra um castigo severo. Hoje em dia é difícil falar da justiça de Deus e apresentá-lo como alguém que castiga o desobediente. Contudo, Deus faz isso porque nos ama. As árvores que possuem raízes mais profundas são aquelas castigadas pelos ventos mais fortes. O caráter é aprimorado pelo sofrimento.

Talvez você já tenha passado por essa experiência. Você tem vários defeitos (e se serve de consolo, todos temos!), mas um o incomoda demais: a sua falta de paciência. Então você ora porque sabe que Deus atende as orações, especialmente quando são segundo a Sua vontade. Como Ele deseja a sua santificação (1 Tessalonianenses 4:3), você ora com fé que vai ser atendido. Só que nenhuma luz brilha na estrada em pleno dia. A terra não treme e você não se sente mais santo. Parece que nada muda. Então você começa a passar por diversos problemas. Parece que tudo dá errado. O trabalho não vai bem, você não encontra apoio em casa e alguém espalhou uma calúnia contra você na igreja. Você não entende o que está acontecendo e até sente uma ponta de mágoa com Deus por tudo isso. Pode ser que você não tenha percebido, mas Ele está atendendo a sua oração. Está usando as circunstâncias da vida para moldar o seu caráter. Essa é uma das Suas formas de trabalhar na nossa vida. As dificuldades são as mãos do oleiro remodelando o barro.

A passagem de Hebreus nos diz que a disciplina é um ato de amor da parte de Deus. Se disciplinarmos nossos filhos com sabedoria, eles se sentirão amados (vers. 6) e nos respeitarão (vers. 9). Ao contrário do que o senso comum diz, uma criança que não tem limites se sente insegura e não amada. Ela crescerá com essa sensação de abandono, e na fase da adolescência terá dificuldades para lidar com a autoridade. Isso vai começar na escola, mas logo os pais perceberão

essa deficiência. Uma criança que não aprende a obedecer se tornará um adolescente desajustado e rebelde.

Segundo a Bíblia, a disciplina é fundamental na educação de filhos, pois “quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo” (Provérbios 13:24). Os pais não devem se preocupar com o que a criança vai pensar deles. Por isso, a Palavra aconselha: “Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá” (Provérbios 23:13). “Discipline seu filho, pois nisso há esperança; não queiras a morte dele” (Provérbios 19:18).

Instrução

O terceiro princípio para criarmos uma criança nos valores bíblicos é chamado por Paulo de educar a criança no *conselho do Senhor*. A palavra traduzida por *conselho*, vertida na Almeida, Revista e Atualizada como *admoestação*, na prática envolve educação por palavras e conselhos. A ênfase é sobre palavras de encorajamento.³³

Deus nos ama tanto que nos educa por meio de Seus conselhos. Eles se encontram em Sua Palavra. Em outra parte, Paulo diz que a Escritura “é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16, 17). Essa Palavra tem poder de transformar vidas. Sobre isso, escreveu Ellen G. White: “Obtendo conhecimento da Palavra de Deus, e a ele dando atenção, podem os homens levantar-se das maiores profundezas da degradação para se tornarem filhos de Deus, companheiros dos anjos imaculados.”³⁴

Deus quer ter um relacionamento de Pai para filho conosco; e, para isso, precisamos passar algum tempo conversando com Ele por meio da Sua Palavra. A mesma coisa deve acontecer com os pais cristãos. Eles precisam tirar algum tempo para conversar com os filhos. A fase mais necessária para isso é a adolescência. Os filhos podem até reclamar, mas gostam de falar com alguém que pode entendê-los, por mais que digam o contrário.

Contudo, isso não se consegue do dia para a noite. Na verdade, a intimidade com os filhos deve começar na infância. Alguns pais não têm paciência para ouvir os pequenos dilemas que os filhos enfrentam todos os dias, e, quando chegam à adolescência, pai e mãe esperam que eles se abram

como confidentes. A confiança se conquista ao longo dos anos. Só pais e mães atenciosos desde a infância conquistarão o direito de opinar ou de serem ouvidos na adolescência dos filhos.

Agora, nada atrapalha mais essa tentativa de aproximação do que quando os pais se colocam na posição de juízes. Quando o filho se achega aos pais para conversar, não espera ser julgado. Ele já sabe o que é certo e errado, e, às vezes, só espera ser ouvido. Ele apenas quer desabafar. O filho pode contar tudo o que tem lhe acontecido sem parecer estar sentado num banco de réus?

Claro que o outro extremo é o pai e a mãe que agem como “melhores amigos” dos filhos. Antes de sermos colegas, não devemos nos esquecer de que somos pais. Somos referência, não o amiguinho que tem pouco a oferecer em orientação. Colegas não costumam contrariar os amigos, e muitas vezes precisamos dizer “não” aos filhos. Se nos colocarmos no mesmo nível que eles, nossas palavras serão pouco valorizadas. É preciso manter uma distância de autoridade em nossa relação para com eles.

Por fim, o apóstolo aconselha que eduquemos os filhos com o *conselho do Senhor*. Todas as ações do crente devem ser feitas debaixo da orientação de Deus. E o que Ele deseja que façamos é torná-los cada vez mais semelhantes a Cristo. Em outras palavras, glorificar a Deus na vida dos filhos. Como escreveu R. W. Dale: “Os pais devem se preocupar mais com a lealdade de seus filhos a Cristo do que com qualquer outra coisa, mais mesmo do que com a saúde, com o vigor e brilho intelectuais, com a prosperidade material, com a posição social, ou com que eles estejam livres de grandes tristezas e de grandes infortúnios.”³⁵

Referências

- 1 MARCARTHUR Jr, J. F. Apud in Beverly LaHaye em *Os fundamentos para o século XXI*, p. 584.
2 RIENECKER, F. *Chave linguística do Novo Testamento grego*, p. 400.
3 *Conselhos aos professores, pais e estudantes*, p. 48.
4 Apud in Francis Foulkes em *Efésios – introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1993, p.137.

Anotações para estudo:

7



Um filho segundo o coração de Deus

A relação do crente para com seus pais terrenos deve ser de respeito e honra

Estabelecer a autoridade dos pais sobre os filhos é a base para se construir uma sociedade saudável. Nos anos 1970 ocorreu uma quebra de paradigma nas relações familiares como consequência das mudanças provocadas pelas revoluções e movimentos sociais ocorridas na década anterior (revolução sexual, revolução feminista, Movimento Hippie etc.). Os idealizadores desses movimentos perceberam que só conseguiriam difundir seus valores e só seriam aceitos pela população em geral se rompessem com o modelo da família patriarcal, baseada na autoridade inquestionável do pai. Educadores começaram a argumentar que os pais não devem ser autoritários, pois isso pode traumatizar as crianças e impedir sua criatividade, dando a origem a adultos sem imaginação e com vidas frustradas. A partir desse momento, a criança passou a ser o centro das atenções da família, e a figura do pai autoritário começou a sair de moda.

Para alcançar esse objetivo, até a mídia participou do processo de desconstrução. Até aquela época, os seriados de televisão mostravam os pais com personalidades bem másculas. Veja o exemplo do seriado *Bonanza* (1959-1973), onde o núcleo da história girava em torno de um pai viúvo (Ben Cartwright) que liderava uma família formada por três filhos homens (Adam, Hoss e Joe) que viviam no velho oeste. Mais viril? Impossível! Lembra-se também de ter ouvido falar do seriado *Papai sabe tudo* (1954-1960)? O título dessa produção é autoexplicativo. Então, os ventos de mudança começam a soprar. Os novos seriados apresentam famílias onde o pai era inseguro e imaturo. A mulher passou a ser a referência de sabedoria e equilíbrio. Um exemplo clássico disso encontramos no desenho animado de maior longevidade da TV mundial, os *Simpsons* (1989, com 32 temporadas). Homer Simpson, o chefe da família, é impulsivo, imaturo, comilão, beberrão, e costuma tomar decisões desastrosas. Apesar de tradicionalmente trabalhar na usina nuclear onde passa a maior parte do tempo comendo e dormindo sem ter a menor ideia do que faz ali, ele assume vários empregos ao longo dos anos. Homer é um perigo financeiro para a família. Já a esposa e matriarca da família, Marge, é a sobriedade em pessoa. É uma mulher talentosa que enterrou a vida num relacionamento em que o marido é emocionalmente dependente. Esse perfil se reproduz em diversos seriados e desenhos atuais, mas não é o padrão bíblico para a estrutura familiar.

É por isso que pais que usam da autoridade para com os filhos são malvistos por uma sociedade que valoriza o politicamente correto. Os pais ditos modernos sonham em ser “amigos” dos filhos, e não gostam de ser classificados como autoritários. É natural que a criança embarque nessa onda.

Hoje é comum os filhos chamarem os pais pelo primeiro nome e não darem satisfação do que fazem para eles. O jovem cristão não pode seguir esse modelo de comportamento.

Em nosso estudo, até agora vimos o padrão bíblico para o pai e a mãe, o marido e a esposa. Neste capítulo, queremos analisar e descobrir qual é o padrão divino para os filhos. Em outras palavras, qual é a obrigação dos filhos cristãos para com os pais terrenos? Basicamente, são duas atitudes: devem (1) obedecer e (2) honrar. Estudemos com carinho a orientação que o apóstolo Paulo dá aos filhos:

“Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. ‘Honra teu pai e tua mãe’, este é o primeiro mandamento com promessa: para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a Terra” (Efésios 6:1-3).

O conselho que Paulo dá aos jovens está em um contexto de orientações de como o crente deve manter relações interpessoais saudáveis. Em Efésios 5:21, o apóstolo havia dado um mandamento universal que deve nortear nossos relacionamentos: “Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo.” Como ele explicou, dar prioridade ao próximo na vida é uma das formas de o crente ficar “cheio do Espírito Santo” (vers. 18). Para deixar claro o que estava dizendo, ele comeca a exemplificar os casos em que podemos nos sujeitar uns aos outros. Primeiro, o apóstolo aconselha a esposa a respeitar o marido; em seguida, diz que o homem deve amar a mulher como forma de cumprir esse mandamento. Na sequência, dirige agora a atenção aos filhos do casal e pede-lhes que aceitem as orientações dos pais. No versículo 4, Paulo mostra como os pais devem educar os filhos, e, por fim, aplica o princípio da sujeição ao relacionamento entre patrões e empregados. Ele induz os leitores a entender que as relações pessoais afetam a relação com Deus para o bem e para o mal.

“Obedecei”

Na passagem que estamos analisando, o termo “filhos” se refere à pessoa que tem pais, independentemente da idade. A relação matrimonial pode ser extinta pelo divórcio, mas a relação pais-filhos é ligada pelo sangue e não pode ser desfeita. Existem ex-esposas e ex-esposos, mas não existem ex-filhos ou ex-pais. Isso significa que não existe uma época em que os filhos não devam respeito aos pais. A palavra grega traduzida por “obedecer” (*hypakouo*) significa “prestar atenção”.³⁶ Esse termo é composto por duas

palavras: *hypo*, “sob”, e *akouo*, “ouvir”; por isso, o sentido etimológico é de seguir uma ordem.

Se bem que os filhos devam obedecer aos pais, a figura paterna tem a função de encarnar a lei na vida da criança. A mãe representa o afeto, o carinho, a ternura. É na combinação dessas duas figuras que o filho aprende a obediência. Se a criança aprender a obedecer aos pais desde pequena, não terá dificuldade de reconhecer a autoridade dos professores, dos policiais, dos governantes, dos patrões, dos idosos etc. A lição de obediência deve ser aprendida nos primeiros anos de vida da criança. Se ela não aprender a obedecer à ordem dos pais nessa fase, dificilmente será um adolescente submisso aos pais. É natural um pouco de rebeldia nesse momento da vida que antecede a juventude. Contudo, a rebeldia aberta é sinal de que o filho não aprendeu a obedecer.

A importância da criança ser disciplina pode se refletir na sua espiritualidade. A criança costuma, de forma inconsciente, transferir o relacionamento que tem com os pais à maneira como vê a Deus. Se os pais são permissivos e ausentes, a criança verá Deus como um grande Papai Noel, que existe apenas para atender-lhe aos caprichos. Se os pais foram muito duros e distantes, sem grandes manifestações de afeto, Deus parecerá assim para ela. Nossa relação com os filhos afeta a relação deles com o Todo-Poderoso. Falando do impacto da disciplina na espiritualidade da criança, Ellen G. White escreveu que quando os pais educam e disciplinam os filhos, estão “implantado no coração [da criança] o respeito à autoridade divina, e a educação da família assemelhar-se-á ao ensino preparatório para a família dos Céus.”³⁷

Por essa razão, os israelitas eram instruídos a ser duros com os filhos rebeldes e a não tolerar o desrespeito para com os pais (Deuteronômio 21:18-21). É um princípio bíblico, de que “o filho que não aprende a obedecer e respeitar a autoridade dos pais se tornará um adulto de natureza rebelde.”³⁸ Por isso, Ellen White explica que “ao respeitarem ou prestarem obediência aos pais, podem [os jovens e as crianças] aprender como respeitar e obedecer a seu Pai celestial.”³⁹

A obediência é a primeira e principal lição que os pais devem ensinar aos filhos. Ao contrário do que ensinam os educadores modernos, uma criança não é uma folha em branco. Ao nascer, herda traços de personalidade dos pais e sofre influência pré-natais como traumas, estresse da mãe, rejeição do feto etc. Mas para o crente, a principal influência que a criança traz para o

mundo é o pecado. Ao contrário do que é ensinado por alguns, a criança não nasce boa, sendo futuramente corrompida pela sociedade. Ela nasce má. Ela é pecadora. É uma condição inata da natureza humana, de ter inclinação para o mal. É um ser totalmente egoísta e naturalmente rebelde. O coração de uma criança é como um jardim. Deixado à própria sorte, só vai desenvolver ervas daninhas. Ocasionalmente pode aparecer uma flor ou outra, mas no geral haverá apenas mato. Para que se torne belo, é preciso que alguém trate a terra, arranque a tiririca e cultive flores. Só assim o jardim merecerá esse nome. É por isso que o filho precisa da ação disciplinadora dos pais. A única maneira de aprender a obedecer é quando se é ensinado. É com os pais que ele aprende o que é certo e errado. O ser humano não nasce pronto, mas é construído.

“Honrar pai e mãe”

Além de dever obediência aos pais, os filhos lhes devem honra. Paulo, nessa passagem, faz direta referência aos quinto mandamento da Lei de Deus (Êxodo 20:12). Ellen G. White escreveu:

“Este é o primeiro mandamento com promessa. Recai sobre crianças e jovens, sobre os de meia-idade e os idosos. Não há na vida nenhum período em que os filhos fiquem escusados da honra aos pais. Esta solene obrigação recai sobre cada filho ou filha, e é uma das condições de prolongamento de sua vida na Terra que o Senhor dará aos fiéis.”⁴⁰

A palavra grega *tima*, que é aqui traduzida por *honra*, tem o sentido de “contar como valioso, valorizar, reverenciar, honrar.”⁴¹ Quando Paulo diz que o filho deve obedecer aos pais, trata da *reação* deles aos progenitores. Agora, a honra devida a eles revela a *atitude* que a criança tem para com os pais.

John F. MacArthur comenta:

“Note que esta é a única afirmativa dos Dez Mandamentos relacionada a como a família deve funcionar. Por quê? Porque, dados os primeiros quatro [mandamentos], esse é suficiente para produzir relacionamentos corretos no lar e na sociedade. Essa é a chave para tudo, desde que uma pessoa cresça com um modelo de obediência e disciplina, e um sentido de reverência, temor e respeito por seus pais, tornando-se assim alguém que fará funcionar qualquer relacionamento humano de qualquer nível. A vida dessa pessoa, assim, prosperará.”⁴²

Os filhos têm a obrigação de honrar aos pais pela vida toda. A palavra *honra*, usada por Paulo

aqui, já tinha sido usada pelo apóstolo para se referir a dinheiro e pagamento (1 Timóteo 5:17). Honrar os pais significa ser responsável por cuidar financeiramente deles na velhice também. John F. MacArthur explica:

“Então, a Lei do Antigo Testamento de se honrar os pais significa que durante todo o tempo que alguém viver deve respeitar e apoiar seus pais. Admitamos que, durante a primeira metade de nossa vida, os nossos pais nos dão tudo o que eles têm para suprir nossas necessidades de filhos. O outro lado da moeda é que, quando eles não puderem suprir nossas necessidades torna-se responsabilidade nossa, como filhos, de cuidar deles. Verifica-se então a transição de gerações. E o ciclo nunca termina. É o modo pelo qual Deus produz famílias que permanecem juntas e transmitem a herança de um amor altruísta.”⁴³

Paulo usa palavras duras para com os filhos que não cuidam dos pais na velhice: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente” (1 Timóteo 5:8).

O quinto mandamento tem uma promessa para quem o obedece: “Honra teu pai e tua mãe, *a fim de que tenhas vida longa* na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Êxodo 20:12). Apesar de se referir primariamente à longevidade, a verdade é que não vale a pena viver muito sem qualidade de vida. Por isso, o mandamento não só fala de uma vida longa, mas também próspera. Faz sentido. Ao cuidar dos pais, o ser humano recebe a bênção divina, que o leva a ter uma vida de sucesso.

Beverly Lahaye conclui que:

“O ponto principal é que os filhos que honrarem seus pais durante toda a vida, até mesmo cuidando deles quando estiverem em idade avançada, serão honrados por Deus na qualidade e longevidade de sua própria vida.”⁴⁴

Referências

1 MARCARTHUR Jr, J. F. Apud in Beverly LaHaye em *Os fundamentos para o século XXI*, p. 584.

2 RIENECKER, F. *Chave linguística do Novo Testamento grego*, p. 400.

3 *Conselhos aos professores, pais e estudantes*, p. 48.

4 Apud in Francis Foulkes em *Efésios – introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1993, p.137.

8



A diferença que o pai faz

A figura paterna é uma influência fundamental na formação da personalidade da criança

Apesar do que a mídia diz, a figura paterna é fundamental para formar o caráter dos filhos. Deus é sábio e revelou isso quando determinou que a família deveria ser formada por um pai e uma mãe. Cada um dos pais dá sua contribuição para formar uma estrutura psicológica saudável (ou não). Alguns dados levantados por Josh McDowell e Norm Wakefield confirmam o impacto da influência paterna sobre o jovem:

- ✓ Um grupo de estudiosos comportamentais da universidade de Yale pesquisou o problema da delinquência juvenil em 48 culturas no mundo todo e descobriu que filhos criados sem a presença paterna têm maiores chances de se envolver com crimes;
- ✓ Um estudo realizado por 1.337 médicos que estudaram na Universidade John Hopkins entre os anos de 1948 e 1964 descobriu que existe uma íntima relação entre a falta de intimidade com os pais e problemas de saúde como hipertensão, doenças cardíacas, tumores malignos, transtornos mentais e suicídio;
- ✓ Outra pesquisa realizada na mesma instituição descobriu que as adolescentes que não conviveram com seus pais têm 60% mais chances de ter relações pré-conjugais do que as amigas que viveram com os pais, e
- ✓ Um levantamento feito com 39 meninas que sofriam de anorexia demonstrou que 36 delas tinham em comum o fato de não manter um bom relacionamento com os pais.⁴⁵

Qualquer educador sabe que a maior parte dos alunos rebeldes, que confrontam a autoridade escolar e são problemáticos na sala de aula, tem dificuldades de relacionamento com os pais. Ou essas crianças não chegaram a conhecer o pai, ou ele é ausente, morando ou não com a família. Existem exceções à regra, mas em geral a raiz da disfunção comportamental está na falta que a autoridade paterna faz. Na verdade, a reação da criança é um clamor por atenção e afeto ou é a atitude de alguém que não aprendeu a obedecer a uma pessoa mais velha.

Autoestima

É importante desenvolver a autoimagem positiva do adolescente. Isso o blindará contra a prática de muitos erros. Quando o jovem sabe o próprio valor, costuma não ser um carente emocional, e as-

sim não busca desesperadamente a aceitação do outro. Ele é resistente à pressão do grupo. Evita namoros abusivos e relacionamentos com falsos amigos que se aproveitam da sua fragilidade para o colocar em problemas.

É sabido que existem cinco variáveis responsáveis por formar uma autoestima positiva no adolescente. Uma média de notas escolares altas tem impacto positivo sobre a forma como o jovem se vê. Outro fator que pode ajudar a fortalecer a autoimagem é um ambiente familiar acolhedor, que transmite segurança e conforto emocional, fazendo com que a pessoa se sinta amada. Entre os elementos mais importantes está também o fato de o filho passar bastante tempo com a mãe. Agora, no topo da lista, as variantes que mais influenciam na autoestima do jovem incluem passar bastante tempo de qualidade com o pai e, acima de tudo, ter um relacionamento apegado a ele.

Isso não quer dizer que o relacionamento com a mãe não seja importante. Contudo, os jovens parecem dar maior valor a um bom relacionamento com o pai do que com a mãe. Por que isso acontece? A mãe está sempre mais presente na vida dos filhos. Ela está sempre disponível para eles. O jovem espera que ela seja acessível, amorosa e esteja sempre pronta para ouvi-lo. Em geral, o pai é menos comunicativo e acessível. Ao contrário da mãe, o que ele faz parece ser muito importante. Então, entra em jogo a lei da oferta e demanda. Uma aura de importância cobre o pai, e o filho valoriza a atenção dele. Talvez por isso a obediência que os filhos prestam ao pai seja mais pronta e rápida do que a que prestam à mãe.

O perfil do pai que ama

As qualidades básicas que o pai precisa possuir para cumprir o projeto de Deus para a sua vida são as mesmas vistas na relação do Senhor com Seu povo. Ao elencarmos os principais atributos divinos que afetam nosso contato com Ele, podemos destacar:

Refúgio: Um dos atributos reconfortantes de Deus é a capacidade de ser acolhedor. O salmista faz referência a isso quando escreve: “Deus é nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. Por isso não temeremos” (Salmos 46:1, 2 [última parte]). Não importa o risco que o crente corra; ele não sentirá medo porque pode encontrar um refúgio seguro em seu Senhor e Deus. Ele é um abrigo no tem-

poral, um porto seguro em um mar agitado. Assim deve ser o pai terrestre — alguém para quem o filho pode correr e em quem pode encontrar segurança. Não importa a idade de uma pessoa, em algum momento ela vai se sentir insegura e vai correr para o colo confortador dos pais, da mesma forma que corre para Deus.

Amizade: Apesar de Deus ser Deus, Ele deseja ter um relacionamento carregado de confiança com Suas criaturas. Ele deseja ser nosso amigo. Por isso, o salmista escreveu: “De manhã ouves, Senhor, o meu clamor; de manhã Te apresento a minha oração e aguardo com esperança” (Salmos 5:3). Deus está acessível a Seus filhos. Apesar da paternidade estar acima da amizade, as crianças esperam encontrar no pai um amigo. Desse forma, querem poder contar tudo o que está acontecendo a eles sem serem julgadas. Esperam franqueza e a oportunidade de poder abrir o coração da mesma forma que encontramos apoio e amizade em Deus.

Sustentador: O Senhor Se apresentou a Abraão como Jeová-Jiré (*o Senhor proverá*, Gênesis 22:14). Deus nos sustém quando enfrentamos dificuldades na vida. O profeta Isaías escreveu: “Como pastor Ele [Deus] cuida de Seu rebanho, com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo; conduz com cuidado as ovelhas que amamentam suas crias” (Isaías 40:11). O pai deve socorrer um filho da mesma maneira. McDowell & Wakefield comentam:

“Desde a mais tenra infância, reconhecemos nossa incapacidade, nossa fraqueza, nossa fragilidade. Podemos enfrentar as dificuldades da vida quando temos alguém em quem nos apoiar, confiar, encontrar força e buscar conselho. O que destrói as pessoas é elas serem vencidas pelos problemas, provações e dificuldades sem ter a quem recorrer para obter sustento emocional e espiritual.”⁴⁶

Companheiro: Deus está disposto a estar sempre ao nosso lado. Assim deve ser o pai: companheiro para as horas difíceis e de alegria. O amor dos pais transmite aos filhos segurança para si mesmo e o mundo ao redor. Em geral, os pais costumam fazer dez comentários negativos para cada um positivo. Para compensar o impacto sobre a autoestima das crianças, seria preciso falar quatro comentários positivos para cada negativo.⁴⁷

Presença: Podemos não perceber, mas Deus está sempre presente em todos os momentos da

vida. Ele não nos deixa sozinhos. Jesus prometeu que estaria conosco todos os dias, até o fim dos tempos (Mateus 28:20). Os filhos amam a presença dos pais mais do que tudo na vida.

Disciplina: É difícil entender a disciplina como uma ação de amor. Mas Deus lança mão desse recurso para nos corrigir. A disciplina é uma prova de que Deus nos ama e Se preocupa conosco (veja Hebreus 12:5-11). Os pais não devem desistir de disciplinar os filhos. Ellen G. White lembra que “obediência aos pais no Senhor é a lição mais importante que os filhos devem aprender”,⁴⁸ e isso deve ser conseguido com a disciplina. Disciplina é uma expressão de amor. Todo filho espera que os pais tenham princípios e ajam com firmeza na defesa desses valores. Ao fazer isso, transmitiremos a mensagem de que nos preocupamos com eles.

Perdoador: Deus é perdoador (Salmos 103:3). Pai é aquele que não guarda rancor e que está pronto a perdoar as falhas dos filhos. Todos estamos em crescimento e somos sujeitos a errar. Perdão é o remédio que cura todas as feridas surgidas nas relações pessoais.

Esses são alguns atributos que Deus espera que os pais desenvolvam para cumprir o papel que Ele definiu para os líderes da família. Poderíamos explorar outros aspectos, mas esses são suficientes para demonstrar o quanto o Senhor e a família esperam da figura paterna. Contudo, há um aspecto ainda que é preciso ser enfatizado: O pai é o líder espiritual da família, o sacerdote do lar.

O pai como sacerdote do lar

A sociedade dos tempos bíblicos era patriarcal, e as relações e papéis sociais mudaram muito daquela época para os nossos dias. Há, porém, alguns aspectos que são atemporais, como os que vimos anteriormente. Há também a questão da liderança espiritual da família. Neste ponto, o plano divino não mudou. Deus deu claras instruções aos homens que faziam parte do povo de Israel:

“Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal

nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões” (Deuteronômio 6:4-9).

Essa passagem descreve o papel do pai como líder espiritual da família. Sobre essa missão, Ellen G. White escreveu:

“Decidam os pais cristãos que serão leais a Deus, e disponham-se a reunir os filhos no lar consigo e assinalem os umbrais com sangue, representando a Cristo como o único que pode proteger e salvar, a fim de que o anjo destruidor passe por alto o feliz círculo da família.”⁴⁹

Em primeiro lugar, é preciso que o pai tenha uma experiência pessoal com Deus para depois conduzir a família ao pé da cruz. O texto diz: “Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração” (vers. 6). Que palavras são essas? Segundo os versículos anteriores, são *crer em um único Deus e amá-lo de todo o coração*. No contexto maior, é importante destacar que Moisés já havia citado novamente os Dez Mandamentos no capítulo anterior. Em outras palavras, Deus espera que o pai seja um crente verdadeiro, autêntico e não apenas de aparência. Ele não pode dar aquilo que ele mesmo não tem. Isso é pecado. Ele precisa sentir um verdadeiro amor a Cristo e um sincero desejo de fazer a vontade de Deus para poder transmitir esses valores à sua família.

Para ser o sacerdote do lar, o pai precisa ensinar “com persistência a seus filhos” (vers. 7). O trabalho de evangelizá-los não deve ser acidental, esporádico, mas persistente. Alguns crentes imaginam que apenas colocando os filhos em um ambiente religioso será suficiente para que se tornem crentes. Basta que o filho assista aos cultos da igreja ou que esteja batizado, que a sua missão estará cumprida e que poderá descansar porque ganhou o filho para o evangelho. Infelizmente, não é verdade. O fato de o filho andar com crentes não faz dele um crente. O pai deve ser o mentor espiritual da família. Isso significa que deve tomar os filhos pela mão e conduzi-los a Cristo. Mesmo depois, deve continuar o trabalho de ensiná-los a ser cristãos, assim como faria com qualquer alma que quisesse se tornar cristã. Transformar os filhos em filhos de Deus é um trabalho de tempo integral, que exige esforço constante.

Para atingir esse objetivo, Ellen G. White aconselha: “O método mais bem-sucedido de conseguir sua salvação [dos filhos], e de conser-

vá-los fora do caminho da tentação, é instruí-los constantemente na Palavra de Deus.”⁵⁰ As Escrituras são o livro didático que devemos usar para instruir nossos filhos nos caminhos de Deus. Certa esposa de pastor comentou: “Meus filhos reclamam que o pai ensina a Bíblia para tantas pessoas, mas nunca lhes dirigiu um estudo bíblico.” O primeiro campo missionário do pai é a própria família, trabalhe esse pai na Obra de Deus ou não.

Por fim, o pai cristão deve aproveitar todas as oportunidades para falar de Cristo ao filho. É curioso que existam pais que se omitem desse papel alegando não querer interferir nas escolhas do filho. Quando crescerem, que os filhos façam as próprias escolhas. Eles não têm essa mesma atitude quando o filho quer abandonar os estudos, quando escolhe uma namorada que não agrada a família ou não quando demora a se definir profissionalmente. Se os pais se envolvem

nas questões terrenas, por que não devem fazer o mesmo nas espirituais?

Moisés explica que todas as oportunidades são ocasiões perfeitas para apresentar o Deus que nos ama. Ele diz que quando estamos sentados ou andando, deitados ou em pé, todos esses são momentos para se falar de Cristo. Isso dá a ideia de um processo natural e casual. Se falamos de todo e qualquer assunto com os filhos, devemos ter a mesma atitude nas questões espirituais.

Referências

- 1 McDowell, Josh e Wakefield, Norm. *A diferença que o Pai faz*. São Paulo: Candeia, 1994, p.13.

2 McDowell e Wakefield, *Op. Cit.*, p. 26.

3 McDowell e Wakefield, *Op. Cit.*, p. 27, 28.

4 Orientação da criança, p. 224.

5 O lar adventista, pp. 324 e 325.

6 Conselhos aos professores, pais e estudantes, p. 142.

Anotações para estudo:

9



A diferença que a mãe faz

Ser mãe é desperdício de potencial?

São conhecidas as belas palavras que Ellen G. White usou para descrever a missão da mãe: “Existe um Deus em cima no Céu, e a luz e glória do Seu trono reposam sobre a fiel mãe enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal. Nenhuma outra obra pode se comparar à sua em importância. Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Como o escritor, não tem de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras; nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus.”⁵¹

O Movimento Feminista atual vê a maternidade como um empecilho para o desenvolvimento do potencial da mulher. O assunto não é muito discutido por ele, mas, segundo as seguidoras mais radicais, ser mãe é visto como uma imposição social de uma sociedade controlada por homens. Segundo elas, isso é usado como instrumento de dominação sobre a mulher. É claro que nem todas as feministas pensam assim, mas muitas acreditam nisso e veem com pena as mulheres que escolhem ser mães. A imagem negativa da maternidade tem afetado muitas mulheres cristãs, e elas têm se perguntado: “Não estaria desperdiçando minha vida sendo mãe? Vale a pena assumir a maternidade?”

Ter filhos pode se tornar uma desvantagem corporativa, uma vez que a mãe cristã vai ter que concorrer com homens e mulheres que escolheram não ter família, e que podem se dedicar integralmente à carreira. Suas colegas não vão precisar tirar licença maternidade e nem vão faltar porque o filho está com febre ou por causa de uma reunião na escola. Por isso, muitas mulheres adiam ao máximo a maternidade para poder conquistar primeiro um lugar no mercado de trabalho. Para as mulheres que querem seguir uma carreira e serem mães, os desafios são gigantescos. Elas sempre vão ter a sensação de que estão no lugar errado. Quando estão cuidando dos filhos, acham que deveriam estar trabalhando, e quando estão no emprego acham que têm se dedicado demais à profissão e gostariam de estar com as crianças.

A solução desse dilema está em estabelecer prioridades. As pessoas não trabalham só para poder se sustentar, mas também para deixar um legado. Você pode acumular riquezas e prestígio, mas quando selar seu destino, que marca você terá deixado no mundo? O pai — e principalmente a mãe —, pode fazer uma obra para a eternidade: formar o caráter de homens e mulheres que farão a diferença no mundo.

A visão bíblica sobre maternidade

A mulher cristã não deve se sentir culpada porque prioriza a família — e especialmente a educação dos filhos. Ela pode conquistar o mundo, mas sem perder de vista aquilo que realmente vale a pena. A sociedade moderna nos diz que alcançar a realização pessoal deve ser o principal objetivo da nossa vida, mas esquece que, quando buscamos ajudar os outros a se realizarem, conseguimos nos sentir melhor. Em nenhuma outra área isso é mais verdadeiro do que na relação que existe entre mãe e filho.

A mulher precisa ter certeza do que Deus espera dela e de como Ele considera sua missão. Ela precisa lembrar que a maternidade é uma posição honrada. Elvin D. Irwin cita as palavras de uma criança: “Acho que Deus não podia cuidar de todas as pessoas, então ele fez as mães para ajudá-LO”.⁵² É claro que há um erro teológico aqui, mas a fala revela a importância da maternidade. Sobre isso, escreveu Ellen G. White:

“A esfera de atividade da mãe pode ser humilde; mas sua influência, unida à do pai, é tão duradoura como a eternidade. Depois de Deus, o poder da mãe para o bem é a maior força conhecida na Terra.”⁵³

A obra da mãe cristã afeta a vida na Terra e alcança a eternidade. Segundo Paulo, para desempenhar sua missão, a mãe cristã precisa desenvolver quatro atributos: “Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso” (1 Timóteo 2:15). A mulher cheia de fé contribui para a salvação dos filhos. Quando ela está cheia de amor, cria um ambiente familiar saudável que ajuda o filho a desenvolver todo o seu potencial. Se a mãe trilha o caminho da santidade, levará os filhos a ter uma noção do que significa ser cristão, e do certo e errado. Por fim, ao revelar bom senso, oferecerá aos filhos um padrão de comportamento que deve ser imitado quando eles mesmos tiverem de tomar decisões difíceis.

O caráter da mãe cristã

Segundo a Bíblia, para desempenhar seu papel como mãe, a mulher cristã precisa desenvolver algumas qualidades. Paulo enumera algumas delas quando escreve: “Assim, [as mulheres mais velhas] poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus pró-

prios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada” (Tito 2:4, 5). A primeira qualidade que se espera da mulher cristã é *amar seus maridos e filhos*. É esse atributo que faz toda a diferença na vida dos membros da família. É ele que transforma uma casa em um lar. Ele se revela de diversas maneiras: quando a mãe cuida do filho que está doente, quando lava a roupa e prepara uma refeição, ao aconselhar o filho, preocupada com as decisões que ele está tomando, ou quando perde o sono enquanto o filho não chega. Ellen G. White escreveu que “religião é amor, e o lar cristão é aquele onde o amor reina e encontra expressão em palavras e atos de solícita bondade e gentil cortesia.”⁵⁴

Em seguida, Paulo afirma que as mães cristãs devem ser *prudentes e puras*, ou *sensatas e honestas*, como está na Almeida, Revista e Atualizada. Prudência (ou sensatez) é um valor importante na criação de filhos. Nesse caso, é o ensino pelo exemplo. Como a mãe cristã reage quando provocada? Muito mais do que palavras, nesse caso é a atitude que conta. O comportamento *puro* ou *honesto* é outro traço de caráter que a mulher cristã deve cultivar. Isso significa que ela evita a maldade e a carnalidade. Paulo aconselhou as mulheres a não darem “ao inimigo nenhum motivo para maledicência” (1 Timóteo 5:14). Talvez a pessoa imagine que isso seja muito difícil, mas não deve esquecer que estamos falando de alvo proposto. A nossa vida, como seguidores de Jesus, deve ser a busca desse tipo de ideal.

Para Paulo, elas devem estar *ocupadas em casa*. A Almeida, Revista e Atualizada traduz essa expressão como *boas donas de casa*. Antes de avançar é preciso lembrar que o apóstolo queria atingir as mexeriqueiras, que largavam a família e as obrigações domésticas para irem de casa em casa espalhando boatos.

Hoje em dia, muitas mulheres trabalham fora, quer por necessidade quer por escolha. Mas o cuidado do lar não precisa ser negligenciado. Aqui é necessário que se quebre um paradigma. As mulheres que nasceram por volta da década de 1970 ou antes, viam as mães dando conta de todo o serviço doméstico. Quem tiver idade suficiente para se lembrar verá a própria mãe servindo o prato do almoço ao pai. Naquele tempo, o homem sentava à cabeceira da mesa. Hoje, os tempos são outros, mas o paradigma continua de forma inconsciente em algumas mulheres. Os filhos e o marido devem aprender a ajudar a mãe a

cuidar da casa. As tarefas devem ser distribuídas, e cada um deve fazer sua parte para tornar a vida da mãe mais leve. Afinal, ela cumpre dupla jornada. Assim, o princípio bíblico permanece. O cuidado do lar deve ser prioritário.

Elas devem ser *bondosas*. O mundo é cruel e as crianças são sensíveis a essa maldade que as cerca. Elas precisam encontrar carinho e apoio junto à mãe para aprender a lidar com as emoções e tribulações que irão enfrentar à medida que crescem. A bondade materna é um abrigo para a angústia dos pequenos.

Paulo retoma o assunto que havia abordado na epístola aos Efésios (cap. 5:22), que é a *sujeição da mulher ao seu marido*. No relacionamento matrimonial, tudo o que a mulher espera é ser amada; já os maridos querem ser respeitados. Quando não se segue esses dois princípios, o casamento corre risco de acabar em separação. A mulher que se sente amada no casamento estará realizada e satisfeita com a relação. O mesmo acontece com o marido. Ele estará satisfeito emocionalmente se o seu papel de homem for respeitado na família. Respeitar significa consultar o marido antes de tomar alguma decisão que afete a família. É conversar com ele para saber o que pensa sobre alguma questão importante. Isso faz diferença para o homem. Um casamento é uma parceria. Se a mulher quiser fazer as coisas do modo que acha ser certo sem consultar ninguém, seria melhor ter continuado solteira. Isso também vale para o marido. Ninguém é obrigado a se casar, mas, ao decidir contrair nupcias, deve renunciar à suposta independência. Casamento é compartilhar sonhos e lutar juntos por eles. É olhar na mesma direção.

Outros atributos

Ao aconselhar o jovem pastor Timóteo sobre como liderar uma igreja, ele afirma que as mulheres viúvas devem ser reconhecidas “por suas boas obras, tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra” (1 Timóteo 5:10). Ele é bastante pragmático, pois descreve como elas podem praticar boas obras. Ele está aconselhando as viúvas a ensinarem as mais novas a *cuidarem dos filhos*. Essa troca de experiência é benéfica para a jovem mãe, que muitas vezes se sente insegura devido à inexperience. Ser *hospitaleira* aponta para uma necessidade que havia na igreja daquele tempo. Essa

missão devia ser compartilhada pelos anciãos da igreja local (cap. 3:2). Havia muitos missionários itinerantes que precisavam ser acolhidos. Encontramos um exemplo de mulher hospitaleira na irmã Febe (Romanos 16:1, 2). Atualizando as informações para a nossa realidade, as mães devem abrir a porta do lar para receber convidados que estejam precisando de ajuda, ou missionários e irmãos que estão de passagem. Por fim, Paulo fala da necessidade das mulheres de saber *socorrer os atribulados*. No caso das viúvas, elas deveriam supervisionar as demais irmãs nessa obra de ajudar quem está passando por necessidades. Essa obra é maravilhosa, e é o cristianismo colocado em prática. Lembra das palavras do apóstolo Tiago? “A religião que Deus, o nosso Pai aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas” (Tiago 1:27).

Além desses atributos citados por Paulo, a mãe cristã, em parceria com o pai, tem outro papel a desempenhar no círculo familiar: *disciplinar*. Isso faz parte das atribuições paternas e maternas. O sábio aconselha: “Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe” (Provérbios 1:8).

Disciplinar os filhos não é uma tarefa muito agradável, mas é necessária. A mãe castiga os filhos porque os ama. “Quem se nega a castigar seu filho não o ama, pois quem o ama não hesita em discipliná-lo” (Provérbios 13:24). A criança que não conhece limites pode destruir a si mesma, mais cedo ou mais tarde. O jovem não disciplinado é um perigo para si e para as pessoas que estão à sua volta. O livro de Provérbios aconselha: “A vara da correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe” (Provérbios 29:15). Quando ele é educado a controlar os impulsos e a respeitar a autoridade dos outros, está melhor preparado para a vida e para a eternidade.

Conclusão

Neste estudo, não quisemos explorar todos os aspectos do caráter da mãe cristã. Apenas oferecemos uma visão panorâmica desse perfil. A mãe é o fator que liga os membros da família. Sobre isso, escreveu Ellen G. White:

“Em vista da responsabilidade individual das mães, deve toda mulher desenvolver uma mente bem equilibrada e um caráter puro, refletindo apenas o que é verdadeiro, bom e belo. Pode a esposa e mãe ligar ao coração o marido e os filhos

por um amor incansável, demonstrando em palavras gentis e num comportamento cortês, que, em regra, será imitado pelos filhos”⁵⁵

Referências

- 1 *O lar adventista*, p. 237.
 - 2 IRWIN, Elvin D. *O plano de Deus para a família*. Miami, Florida: Vida, 1986, p. 111.
 - 3 *O lar adventista*, p. 240.
 - 4 *Ibidem*, p. 94.
 - 5 *Orientação da criança*, pp. 67 e 68.

Anotações para estudo:

10



Corações feridos

O divórcio é uma experiência dolorosa que afeta todos os membros da família

O divórcio não deve ser visto apenas como um problema do casal. Os filhos em geral não participam do processo, apesar de sofrerem as consequências das decisões e atitudes dos pais. Geralmente, o filho de famílias separadas reage de forma negativa à nova situação. Seu rendimento escolar cai, a agressividade pode aumentar, e ele pode se isolar do resto do mundo.

Para muitos casamentos em crise, o divórcio tem se tornado a saída mais fácil para resolver a situação. Divórcio (do latim, prefixo “di” + “vertere”, significa *voltar em direção oposta*), em geral, tem o sentido de divergir de maneira irreversível. De forma específica, a legislação brasileira aplica o termo a uma ruptura total e definitiva da união conjugal, que permite aos cônjuges contrair novas núpcias.⁵⁶

O impacto dos lares desfeitos pelo divórcio na sociedade brasileira é incalculável. Segundo dados do IBGE,⁵⁷ no Brasil há mais de 14 milhões de casais separados e divorciados. Em apenas dez anos, o número de divórcios duplicou por aqui. Em nosso País homologam-se cerca de 200 mil processos legais de separação por ano. Um em cada quatro casamentos terminará em divórcio, e um entre cinco bebês por nascer viverá numa família de pais separados antes de atingir a idade adulta.

O divórcio costuma ser uma experiência dolorosa e dificilmente é um processo fácil, mesmo que a mídia tente vender essa imagem. Ele pode produzir marcas difíceis de ser superadas e pode afetar não só o casal envolvido, mas também os filhos e os demais membros da família, colegas de trabalho, membros da igreja e vizinhos.

Para Jim Smoke, citado por COLLINS,⁵⁸ quando um casal resolve se separar, identificam-se três estágios sobrepostos nesse processo:

No primeiro momento, vem a *fase do choque*, em que a pessoa se dá conta de que “isso está acontecendo comigo”. A relação que começou com juras de amor eterno está terminando com sentimentos confusos, ressentimentos e perplexidades. Esse momento pode provocar atitudes opostas em pessoas diferentes. Enquanto alguns se fecham em seu mundo, outros falam sobre o problema com todas as pessoas que encontram. Alguns preferem ficar sozinhos, enquanto outros procuram se envolver em muitas atividades para procurar esquecer o que está acontecendo. Alguns sentem culpa e fracasso, enquanto outros se portam de forma arrogante e amarga.

O segundo momento é a *fase de ajuste*. Isso inclui o “luto positivo”, quando a pessoa relembraria os bons momentos do casamento, e o “luto negativo”, quando a pessoa mergulha em um mar de autopiedade

e culpa. Também existe o processo de “reunir os pedaços”, quando alguém se reorganiza para aprender a viver sem um companheiro.

A *fase do crescimento* é a próxima. Durante ela, a pessoa lida com mais maturidade com os próprios sentimentos e com a nova condição de vida; assim, há espaço para a reflexão e a luta contra o sentimento de desprestígio que brota. .

Por que os casais se separam?

Não existe uma causa única para o divórcio. A separação pode acontecer por uma combinação de vários fatores e circunstâncias. Não se pode entendê-la com explicações simplistas. Entre as principais causas de separação, podem-se destacar as seguintes:

1. *Desilusão com o casamento* — Falsas expectativas podem comprometer o futuro do casamento. Para entender por que as pessoas se separam, seria preciso entender o porquê de elas terem se unido. Peterson⁵⁹ identificou quatro mitos sobre o casamento que contribuem para a sua instabilidade:

a) *Casamentos são feitos no Céu.* Esse mito é a crença de que só existe uma pessoa certa para cada um. É a chamada “alma gêmea”. Se Deus escolheu o meu cônjuge, posso ter certeza de que o casamento vai dar certo. É a ideia do matrimônio por encomenda. Essa compreensão pode criar algumas dificuldades quando houver problemas no relacionamento matrimonial. A pessoa poderia colocar a culpa em Deus, transferindo a responsabilidade pelos erros na relação para outra esfera. Além disso, esse mito poderia levar a uma falsa segurança, despreparando o casal para enfrentar os atritos e discórdias que acontecerão posteriormente. Por fim, pode se tornar num motivo para o divórcio, pois se houverem problemas, o casal pode imaginar que essa relação não era da vontade de Deus.

b) *Existe um papel definido para cada pessoa no casamento.* Quando as pessoas se casam com visões rígidas sobre a função de cada um no matrimônio, podem criar-se frustrações que levam ao divórcio. Segundo a visão bíblica, quando se enfatiza que a mulher deve ser

sujeita ao marido (Efésios 5:22), podemos também esquecer que ter autoridade não é o mesmo que ser líder. Na visão bíblica, a liderança deve ser exercida para servir ao próximo (Mateus 20:25-28). Além disso, o apóstolo também ordena aos maridos que amem a esposa (versículo 25).

c) *O casamento me tornará feliz.* Levados pela mídia, que glamoriza o casamento, muitos sofrem da “síndrome do conto de fadas”: “E viveram felizes para sempre”. É a ideia de que o amor supera todas as dificuldades, enfrenta a tudo e a todos e é suficiente para manter o casal unido para sempre. O que mantém o casamento não é o amor, mas a aliança [voto matrimonial] que se faz com a pessoa que se escolhe para dividir com ela a vida. Esse falso romantismo leva a pessoa a imaginar que a felicidade suprema será trazida pelo outro, pelo cônjuge. Na verdade, a pessoa deve casar *para fazer o outro feliz e não para que o outro a faça feliz*.

Algumas pessoas se casam para superar traumas e fracassos do passado. “Os problemas do casamento trarão de volta o passado, e o passado determinará como nos haveremos com os problemas. O seu passado influenciará o seu casamento mais do que o seu casamento irá alterar o seu passado.”⁶⁰

d) *Os filhos não manter o casamento unido.* Pais imaginam que, ao se concentrarem na educação de uma criança, as diferenças entre os dois desaparecerão. Acontece que “os filhos não resolvem os problemas conjugais; eles os revelam, os agravam.”⁶¹ A educação dos filhos pode ser fonte de vários desentendimentos, como as questões relacionadas com a disciplina e a instrução. Ao investir toda a atenção no filho, o casal pode se esquecer de que um dia a criança crescerá e irá embora para formar a própria família, e que, no fim, só restarão os dois. Nesse momento, os pais podem descobrir que não têm nada em comum entre si, e, à medida que o filho crescia, distanciaram-se um do outro e se tornaram dois estranhos. O divórcio pode acontecer como resultado da chamada *síndrome do ninho vazio*.

Os quatro mitos matrimoniais anteriormente têm uma coisa em comum: o pensamento de que a união matrimonial não é responsabilidade da pessoa, mas sim do outro.

2. Infidelidade conjugal — Segundo Martins, a “infidelidade conjugal é um dos maiores motivos diretos de separações no meio evangélico.”⁶² No meio secular, a traição não tem o mesmo peso sobre o relacionamento do que no ambiente cristão. A reconciliação após a infidelidade é difícil porque a parte “inocente” “sente-se traída, rejeitada e ferida. Torna-se difícil acreditar que o cônjuge merecerá confiança no futuro, e quase sempre subsiste a ira e um sentimento de que a autoestima do indivíduo foi prejudicada.”⁶³

Por que os cônjuges se traem? Para Peterson, a resposta não é simples e única: (1) Imaturidade emocional dos cônjuges; (2) dificuldades em resolver conflitos que surgem no casamento; (3) necessidades insatisfeitas; (4) falta de atenção por parte do cônjuge; (5) sentimento de não aceitação; (6) falta de afeição e atitudes carinhosas no relacionamento; (7) perda da capacidade de admirar o parceiro, e (8) casamento que cai na rotina.

3. As brigas e desentendimentos — Muitos se casam imaginando que nunca vão brigar, discutir com, ou mesmo discordar do cônjuge. Quando não há atritos no namoro, eles pensam que o casamento será assim também. Acontece que no dia a dia as opiniões não são convergentes, e pode haver diferenças entre o casal. Nesse momento, a falta de flexibilidade pode dar origem a desentendimentos e brigas. O conselheiro matrimonial Joaquim Martinez Mariodema escreveu:

“Todos os casais, em maior ou menor escala, têm suas brigas e querem que o outro se curve às suas imposições. Imposição é o ato pelo qual se tende a intimidar o cônjuge para obrigar-lo a aceitar uma direção determinada ou uma decisão unilateralmente tomada. A briga, porém, é uma manifestação de desconformidade, ou então a luta sobre quem tem direito de fazer alguma coisa, ou quem tem razão na discussão sobre algum ponto determinado.”⁶⁴

Muitos casais não conseguem se manter unidos sob tantos desentendimentos, e as crianças ficam divididas entre um lar divorciado e sem desavenças e a insegurança quanto ao futuro que as constantes brigas provocam.

4. Imaturidade na educação dos filhos — Existe uma ideia que prevalece entre alguns casais, de que os filhos podem consertar um casamento. Levando em consideração os dados estatísticos sobre divórcio, podemos concluir que isso não é verdade. Segundo Peterson, “Os filhos não resolvem os problemas conjugais; eles os revelam, os agravam. Eles são muito maus conselheiros matrimoniais. Em vez de aliviar as tensões maritais, eles as aumentam. As falhas encobertas serão expostas, e esses amorzinhos vão precipitar um terremoto.”⁶⁵

A criação de filhos pode ser fonte de discórdias entre os pais. Eles podem não concordar sobre qual é a melhor maneira de discipliná-los e instruí-los. Um cônjuge pode ser mais permissivo enquanto outro pode ser mais autoritário. Percebendo essa divisão entre os pais, os filhos se aproveitam das fraquezas em seu próprio favor jogando um dos pais contra o outro, e isso pode separá-los ainda mais.

Outro problema está relacionado à mãe. Ao nascer o bebê, ela vive em função da criança, e a relação com o pai cai para um segundo plano. O inverso também pode acontecer. Até mesmo a doença e a morte de um filho poderiam ter efeitos desastrosos sobre a relação do casal.⁶⁶

5. Interferência de parentes e amigos — Embora não apareça como a principal causa de separação, a interferência de familiares e amigos poderá levar ao divórcio, combinada com outros fatores. Essa interferência pode se originar nas questões financeiras.

“Enquanto viviam na casa dos pais, os filhos dependiam deles para sua sobrevivência. Já casados, não devem continuar esperando deles o suprimento de suas necessidades financeiras. É possível que até inconscientemente os sogros começem a manipular os genros e noras, filhos e filhas, porque mensalmente dispõem de seu dinheiro para auxiliar o casal, que por sua vez se sente tolhido em sua liberdade.”⁶⁷

Com o tempo, como o homem não exerce a função de “provedor”, ele acaba por se desmoralizar inconscientemente diante da esposa e família.

Outra fonte de interferência pode ser a dependência emocional que um dos cônjuges sente pelos pais. Isso pode se manifestar quando o filho compara a esposa com a mãe constantemente, ou quando a sogra se sente

roubada do afeto e da atenção do filho pela nora.

Por isso, Kemp recomenda:

“Para que a nova vida dos recém-casados possa seguir seu curso normal, o cordão umbilical necessita ser cortado. Isso não significa que os filhos cortarão o contato com seus pais ou que irão abandoná-los. Mas ambos, homem e mulher, assumirão novas junções prioritárias. Eles passam a ser, antes de filho e filha, marido e mulher.”⁶⁸

Por fim, se um dos cônjuges pretende manter o estilo de vida de solteiro depois do casamento, isso pode ser fonte de tensão e finalmente levar ao divórcio.

6. As reações dos filhos diante da separação dos pais — A criança percebe as dificuldades na relação dos pais antes mesmo que o problema seja expresso. Embora não se possa predeterminar a reação de cada criança diante da separação dos pais, é possível definir as principais características de cada faixa etária diante dessa verdadeira tragédia.

a) Idade pré-escolar. Antes dos quatro anos, a criança não comprehende a separação dos pais e tende a sofrer pouco. Mas é comum elas mostrarem “sinais de regressão a um estágio anterior de desenvolvimento.”⁶⁹

Depois dessa fase, a situação muda completamente. Como as crianças ainda não entendem direito as noções de tempo, causa e efeito, surgem algumas confusões mentais. Para ela, se um pai vai embora, o outro também vai. A criança na fase pré-escolar tende a apresentar fortes sentimentos de culpa. Ela acredita que seu mau comportamento levou um dos pais a sair de casa. Nessa fase, é comum a criança explodir em crises de irritação.

b) Idade escolar. Com a separação dos pais, as crianças, dos seis aos oito anos, apresentam a seguintes reações: tristeza profunda, sentimento de responsabilidade pelo que acontece, medo irracional de ser abandonada (e até de passar fome) e fuga para um mundo de fantasia.⁷⁰

Nessa fase, o maior problema para a criança é lidar com a divisão emocional que a separação provoca. A pesquisadora Linda B. Francke explica:

“Num dos enigmas da separação, quanto menos uma criança de seis, sete ou oito anos de idade vê o pai ou a mãe que não ficou com a sua custódia, tanto mais ela deseja ficar com ele ou com ela. Ao mesmo tempo, quanto mais a criança vê o pai ou a mãe que não ficou com a custódia, tanto mais ela tem saudade do pai ou da mãe que ficou em casa. Nesse entrechoque de emoções, eles parecem infelizes onde quer que estejam.”⁷¹

c) As crianças mais velhas. Nessa fase, a criança usa o ódio como defesa contra os sentimentos de choque e contra a depressão. Segundo Hart:

“Esta ira é geralmente dirigida ao pai (ou mãe) que ela acredita ter iniciado o rompimento, mas que é facilmente desviada para fora da família e recai sobre os amigos, justamente num período em que o apoio de amigos bondosos é mais necessário. As crianças podem afastar os mais íntimos, inclusive professores e parentes próximos.”⁷²

Nesse caso, cabe um conselho prático da educadora Cris Poli: “Filho agressivo por causa de um casamento desfeito é filho carente que tem, além de tudo, dificuldade de expressão. Bastará apenas um pouco mais de compreensão e empenho dos pais para torná-lo mais calmo e mais feliz.”⁷³

Outro transtorno causado pelo divórcio é o comprometimento do desenvolvimento espiritual da criança. Isso acontece porque ela vê os pais como hipócritas. Eles ensinaram as normas, mas não vivem de acordo com elas.⁷⁴

d) A adolescência. Essa é a fase mais difícil da convivência familiar. Isso acontece porque a criança está passando por profundas mudanças físicas e emocionais. “É comum que se isolem e se recusem a falar do que as perturba. Os adolescentes também sentem agudamente o ‘dilema da lealdade.’”⁷⁵

O adolescente contesta a autoridade dos pais, mas paradoxalmente sente segurança nas normas por eles estabelecidas. É essencial para o adolescente ter um modelo. Por isso,

quando os pais se separam, ele busca essa referência em qualquer pessoa que admire.

Os pais separados ainda vão enfrentar um desafio a mais na educação do filho adolescente ao ter de lidar com uma sexualidade precoce provocada pelo divórcio. Outra característica típica dessa fase da vida que se acentua é a rebeldia, sem que nem o jovem nem os pais entendam bem por que isso acontece.

e) *Idade adulta.* Nessa fase da vida, a separação dos pais não é tão traumática para os filhos, pois a compreensão e a aceitação do problema são maiores. Muitos deles já esperavam o fim do casamento dos pais por terem acompanhado a relação deles por tanto tempo. Os filhos de casamentos desfeitos tardiamente sentem vergonha de conversar sobre o assunto e têm medo de que essa situação se repita no próprio casamento.

7. *O comportamento dos pais em relação aos filhos após a separação* — Sobre a atitude mais comum adotada pelos pais litigiosos durante o divórcio em relação aos filhos, Poli comenta:

“Muitos pais, sobretudo após o fim do casamento, costumam transferir aos filhos os próprios medos e a própria insegurança, gerando neles comportamentos inadequados que depois não toleram e passam a censurar. As crianças, com toda a razão, tornam-se insuportáveis, e os pais perdem o controle da situação.”⁷⁶

O divórcio pode afetar não só a relação entre os filhos e os pais, mas também a relação dos pais para com os filhos. Essa interferência depende muito de como aconteceu a separação, de como os pais conduziram o processo, da idade dos filhos, do temperamento e de outros fatores. Por serem muitos os fatores, vamos analisar apenas os principais:

a) *Nervosismo crescente.* A tensão pós-divórcio afeta drasticamente os pais. Em geral, no primeiro ano após a separação, o relacionamento dos filhos — especialmente dos meninos —, com o pai ou a mãe se torna mais explosivo, e a comunicação entre eles se deteriora. Então começa o ciclo coercivo das exigências das mães separadas e dos

filhos desafiadores. Muitos pais acabam descarregando as frustrações sobre os filhos, o que provoca a mesma reação neles, contribuindo para piorar a relação.

b) *Superproteção.* A superproteção é uma reação comum logo após a separação. O progenitor que fica com a guarda do filho quer compensá-lo pelo trauma que está vivendo. Essa atitude permissiva dos pais é acompanhada pela indisciplina dos filhos, que querem testar os pais para saberem o quanto a situação mudou e o quanto continua estável. Essa situação infantiliza a criança.

Também existem pais que querem compensar a ausência do dia a dia na vida do filho com presentes. Poli comenta que:

“Essas atitudes de compensação dos pais ocorrem, na verdade, porque eles não conseguem expressar bem o que sentem, não conseguem expor suas emoções mais íntimas. Assim, compram presentes para os filhos com a intenção de preencher as lacunas de seu relacionamento com eles porque, devido a dificuldades pessoais, não sabem supri-las.”⁷⁷

Essa situação prejudica ainda mais a relação dos pais com os filhos, pois para contrabalancear a atitude “generosa” de um pai o outro é forçado a desempenhar o papel de repressor realista.

c) *Culpa.* Mesmo quando os filhos se desenvolvem como adultos maduros, os pais costumam sentir a impressão de que falharam em algum ponto. Quando acontece o divórcio, é comum os pais se sentirem invadidos pelo sentimento de culpa. Esse sentimento é de difícil identificação, mas pode prejudicar a relação com os filhos. Conforme Hart:

“Os modos como tentamos reduzir nossos sentimentos de culpa são intermináveis e qualquer deles pode surgir numa situação de divórcio. Um pai (ou mãe) pode tornar-se excessivamente generoso e ceder a todas as exigências do filho. Outro pode evitar a responsabilidade ou o contato com o filho, chegando até a mudar-se para o outro lado do país para afastar-se ao máximo e aliviar assim os sentimentos de culpa. É claro que todas essas táticas para

reduzir a culpa são injustas e prejudicais para a criança. Elas criam confusão, desconfiança e sofrimento para a criança, mais do que avaliam os pais.”⁷⁸

8. *As consequências da separação para os filhos* — Que efeito tem a separação definitiva dos pais sobre os filhos? Isso depende de vários fatores. (1) Como a separação está em processo, quanto maior a pressão e os conflitos nessa fase, maior será o impacto negativo sobre as crianças. A indefinição prolongada quanto à situação da família pós-divórcio pode ser fonte de conflito e angústia para os filhos. (2) A idade da criança influencia, pois quanto menor a criança, maior a dificuldade para ela entender o que está acontecendo. Ela pode reagir à situação de diversas formas: com agressividade, atitudes regressivas (como chupar o dedo, fazer xixi na cama etc.), com temores, pesadelos etc. Já a criança na idade escolar, que é capaz de entender melhor a situação, tende a reagir com tristeza, sentimento de perda ou diminuição do rendimento escolar. Quando adolescente, o filho pode tomar partido e assumir a responsabilidade de proteger o lado que ele sente estar mais fragilizado pela situação.⁷⁹

A forma como a criança comprehende o divórcio dos pais e o significado que lhe atribui, pode levá-la a se sentir culpada, revoltada ou assustada, conforme os casos. O apoio que recebe dos pais ou de outras pessoas próximas nessa fase é fundamental.

O divórcio produz impacto em várias dimensões da vida dos filhos:

a) *Impacto econômico*. Segundo pesquisas, os filhos são os que mais sofrem com a consequente queda do padrão de vida causado pela separação dos pais. Um ano depois do divórcio, enquanto 42% dos homens divorciados melhoraram o padrão econômico-financeiro, as mulheres divorciadas e os filhos experimentam 73% de declínio. Além disso, o índice de pobreza entre crianças de lares desfeitos é cinco vezes maior do que o daquelas que vivem com os pais.

b) *Impacto nas relações sociais*. Crianças que frequentam a escola e moram com pai/madrasta ou mãe/padrasto têm maior probabilidade de

repetência ou expulsão por problemas de comportamento. Os índices variam entre 40 a 75%. A grande maioria das crianças que foge de casa vem de lares de pais separados.

c) *Impacto no comportamento*. Adolescentes que viveram o drama da separação dos pais tendem a manter relações sexuais prematuramente, a casar-se cedo, a engravidar antes do casamento e divorciar-se, mais do que aqueles que crescem em lares estabilizados.

d) *Impacto nas emoções*. Os filhos do divórcio costumam ser tomados por sentimentos de raiva e depressão. Como o corpo não pode manter-se no estado de tensão e vigilância contínua que o divórcio provoca, doenças psicossomáticas quase sempre são o resultado desse estado de coisas. O modo como os filhos lidam com as emoções que surgem do divórcio vai depender da idade. O pré-escolar (de 1 a 6 anos) ficará frequentemente amuado, resmungando, choramingando, perdendo a alegria da infância.

Nessa fase, “é importante que [a criança] possa continuar a estar com cada um dos pais, mesmo quando apresenta dificuldade em separar-se quando tem que regressar à sua casa. Os pais terão o papel de compreender as emoções do filho e proporcionar a resposta adequada.”⁸⁰

O pré-adolescente (de 7 a 12 anos) revelará raiva e depressão, receio de ser abandonado, tristeza demasiada e preocupação com a lealdade que precisa manifestar ao pai e à mãe. Nesse momento, “a forma como a ruptura do casal é justificada e comentada no dia a dia constitui uma referência para a criança.”⁸¹

O adolescente (de 13 a 18 anos) manifestará sentimentos negativos de maneira mais direta e específica, e acaba por tomar partido em favor de um dos pais.

6. Conclusão

O divórcio é, depois do luto, a experiência mais traumática pela qual uma família pode passar. Seu impacto produz marcas que podem acompanhar as pessoas por toda a vida e afetar

também suas relações futuras. Ignorar os sentimentos negativos gerados pela situação de separação não ajuda a superá-los.

Por essa razão, o matrimônio deve ser levado mais a sério pelo povo de Deus. É por isso que Deus aborrece o divórcio (Malaquias 2:16, Nova Tradução na Linguagem de Hoje). O casamento é um contrato vitalício. Por isso, Ellen G. White comenta:

“Na mente juvenil, o casamento se acha revestido de um romance, e difícil é despojá-lo desse aspecto com que a imaginação o envolve, e impressionar o espírito com o senso das pesadas responsabilidades compreendidas nos votos matrimoniais. Esses votos ligam o destino de duas pessoas com laços que coisa alguma senão a mão da morte deve desatar.”⁸²

Referências

- 1 ÁVILA, Fernando Bastos. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1967. Verbete "Divórcio", p. 173.

2 KEMP, Jaime. *Antes de dizer adeus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

3 COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p. 166.

4 PETERSON, J. Allan. *O mito da grama mais verde*. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.

5 PETERSON, Op. Cít., p. 70.

6 *Ibidem*, p. 72.

7 MARTINS, Edson. *Curando as feridas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1998, p. 18.

8 COLLINS, Op. Cít., p. 164.

9 Apud in Martins, Op. Cít., p. 19, 20.

10 PETERSON, Op. Cít., p. 72.

11 *Idem*.

12 KEMP, Jaime. *A arte de permanecer casado*. São Paulo: Sepal, 1989, p. 25.

13 *Ibidem*, p. 24.

14 HART, Archibald D. *Ajudando os filhos a sobreviverem ao divórcio*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998, p. 38.

15 HART, Op. Cít., p. 38; MARTINS, Op. Cít., p. 32.

16 Apud in Martins, Op. Cít., p. 33 e 34.

17 HART, Op. Cít., p. 39

18 POLI, Cris. *País separados, filhos preparados*. São Paulo: Editora Gente, 2007, p. 51.

19 HART, Op. Cít.

20 *Ibidem*, p. 39.

21 *Ibidem*, p. 109.

22 POLI, Op. Cít., p. 117.

23 HART, Op. Cít., p. 70.

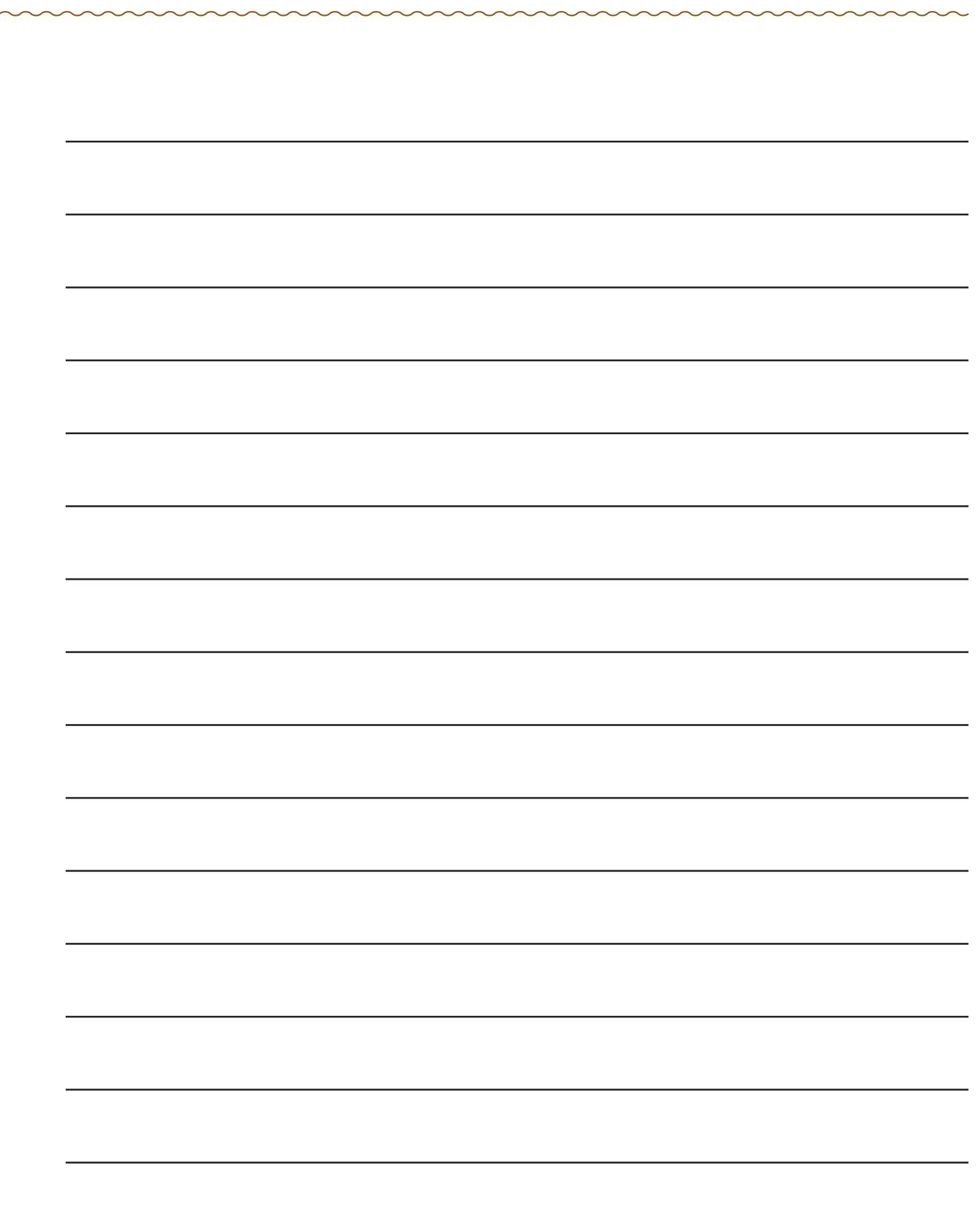
24 MINISTÉRIO DÁ SAÚDE, 2011, p.1.

25 PINA, Op. Cít., p. 5.

26 *Ibidem*, p. 6.

27 *Testemunhos seletos*, vol. 1, p. 576.

Anotações para estudo:





2020

O projeto de Deus para a família

Perigos que rondam a família

Felizes para sempre?

Um marido segundo o coração de Deus

Uma mulher segundo o coração de Deus

Educar filhos para a glória de Deus

Um filho segundo o coração de Deus

A diferença que o pai faz

A diferença que a mãe faz

Corações feridos



DEPARTAMENTOS DE JOVENS DAS UNIÕES NORTE E SUL BRASILEIRAS